

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

SUMMARIO

	O ensino primario em Minas
	IDÉAS E FACTOS
J. C. da Costa Sena.....	Pedro Lessa
—	Ensino obrigatorio
—	Politica de instrucção publica
—	O ensino da historia
Eseragnolle Deria.....	Um livro de geographia
—	«A Escola Primaria»
—	Uma idéa patriótica
—	A instrucção primaria nos Estados
—	Bibliographia
—	Correspondencia

	A ESCOLA
	Um problema interessante
Amyntas.....	Numeros abstractos e concretos
E. P.....	Notas de aulas
Helena.....	Atravez das revistas
	O escolar preguiçoso

	ESCOLA NORMAL
J. A.....	Geographia
Alfredo Balthazar da Silveira...	Instrucção moral e civica.
O. Portinho.....	Historia do Brasil

LIÇÕES E EXERCÍCIOS

O ENSINO PRIMARIO EM MINAS

A mensagem ultimamente dirigida pelo Dr. Arthur Bernardes ao Congresso Mineiro, ao inaugurar-se a 3ª sessão ordinaria da 8ª legislatura estadual, registra resultados obtidos nos serviços de instrucção publica daquelle estado, verdadeiramente dignos de menção. E' assim que no curto prazo de um anno e meio o governo de Minas Geraes logrou crear tres grupos escolares e 206 escolas isoladas, além de 42 logares de adjunctos em grupos e escolas e varios augmentos de cadelras em grupos escolares.

Preferio o governo mineiro manifestar por essa forma a sua operosidade em materia de instrucção publica, a patenteal-o em uma inutil exhibição de theorias e doutrinas mais ou menos bem lançadas.

Não ha que recusar elogios por tal preferencia, mesmo porque, nas condições actuaes do problema da instrucção primaria no interior do nosso paiz, a fundação de uma escola vale bem a mais succulenta dissertação pedagogica.

A criação de novas escolas nas differentes localidades do seu estado, foi necessidade que o Dr. Arthur Bernardes já havia assignalado em sua mensagem dirigida ao Congresso Mineiro, em 1920, em termos que convém relembrar agora:

«O numero de nossas escolas, — declarava naquelle documento o presidente de Minas, — é de flagrante insufficiencia para a extensão do Estado e a sua população escolar.

Cumpré, antes de mais nada, attender a essa falha, multiplicando, com efficiencia, as casas de educação onde quer que ellas sejam com razão reclamadas.

Preocupado com a melhoria do ensino nos centros urbanos, mediante a installação de grupos escolares, de ha muito que o governo do Estado não usava da attribuição regulamentar de crear novas escolas fóra desses centros.

E' assim que os ullimos decretos creando escolas datam de Fevereiro de 1914.»

Insistindo, por esse modo, na expansão do ensino popular o presidente de Minas assignalava, tambem, em sua mensagem de 1920, a imprescindivel necessidade da collaboraçã dos municipios, suggerindo uma formula de acção conjuncta do Estado e do municipio, que tivemos ensejo de analysar, classificando-a, justamente, como «uma excellente solução». (1)

A ultima mensagem ainda se occupa detidamente desse assumpto, resumindo-o no seguinte conceito, em que, ao nosso vêr, se consubstancia a mais verdadeira apreciação da questão:

«Emquanto o problema do ensino primario se tratar, entre nós, á revelia do municipio, (que o vitalisaria creando em torno delle o indispensavel espirito publico) — e á revelia da União, que o orientaria, coordenaria e, sobretudo, nacionalisaria, — toda a solução que se lher será obra mal fundada e mal acabada, sem rendimento que compense o esforço despendido.»

Seria difficil formular em termos mais propios o verdadeiro ponto de vista sob o qual deve ser encarado o problema do ensino primario.

«A Escola Primaria», que tem inscripto no seu programma a intervenção da União no ensino primario, como o meio mais effcaz para assegurar a indispensavel unidade na formação do espirito nacional, não pode regatear os mais calorosos applausos á affirmaçã de idéas, que tambem são suas, e sente-se jubilosa e desvanecida, por velas adoptadas por homens da envergadura do Sr. Arthur Bernardes e do seu digno auxiliar o Sr. Affonso Penna Junior.

(1) Vide «A Escola Primaria», numeros 5 e 6, Junho e Julho de 1920, pag. 79.

I-IDEAS E FACTOS

PEDRO LESSA

Invocando a justiça da Suprema Corte de nossa terra em socorro de seus adversarios politicos atirados ao desfavor da Fortuna pelas vicissitudes do Destino, a palavra magica de Ruy Barbosa evocou impressionante episodio, lembrando que o sino, que um dia, em Philadelphia, annunciara ao mundo a independencia dos Estados Unidos, se fendera ao dobrar nos funeraes de Marshall, como si a alma ignota das coisas mortas se tivesse confrangido ao chorar a morte do maior dos juizes.

Pintou, assim, o grande paladino das nossas liberdades publicas, na belleza sem par de uma arrojada imagem, a grandeza infinda da perda irreparavel, que se abre pela morte do juiz digno do alto ministerio da judicatura, do juiz justo, que é a pedra angular das sociedades organisadas, a expressão viva da força do direito na garantia do opprimido e na segurança do fraco, e a imagem humana que evoca a perfectibilidade divina, pela serenidade augusta da inquebrantavel rectidão dos seus julgamentos.

Tal era Marshall. Tal foi entre nós Pedro Lessa, — o grande juiz, como o classificou Ruy Barbosa, ao render a derradeira homenagem ao vulto eminente, que na historia juridica de nossa terra pode justamente ser comparado ao grande juiz dos Estados Unidos. Mas Pedro Lessa não se impoz á admiração e ao respeito dos seus contemporaneos unicamente pelos elevados predicados de um juiz integro e esclarecido; nelle se associavam a serenidade do julgador imparcial e o ardoroso entusiasmo do patriota, dedicado a todas as nobres causas com o devotamento de que só são capazes as almas grandes.

Em nossa historia o seu nome não figurará somente como o de um jurista eminente, um grande juiz, um homem de letras insigne; a sua memoria ficará eternamente ligada ao grande movimento de levantamento do espirito nacional, cruzada de que elle e Bilac foram os principaes pioneiros, e o seu nome evocará, em todos os tempos, o typo do varão illustre ornado de todas as virtudes civicas e privadas, em quem a liberdade e a justiça sempre encontraram um abnegado defensor e um esforçado paladino.

“A Escola Primaria”, que se orgulha da honra insigne de ter contado Pedro Lessa entre os seus collaboradores, compartilha a dôr que a sua morte veio causar a todos os brasileiros e, prestando esta singela homenagem ao illustre extincto, cumpre um dever civico, ao mesmo tempo que rende um preito de saudade.

Ensino obrigatorio

Volta a ser discutida, no Conselho Municipal, a questão do ensino obrigatorio.

O Prefeito, por sua vez, a ella dedicou algumas linhas de applauso em sua mensagem, o que nos leva a crer seja em breve transformado em lei o actual projecto, já em andamento.

Nem por isso, em que pese aos bons intuitos de seu autor, veremos resolvido o magno problema que, por demais complexo, não comporta a solução rapida e simples geralmente preconizada.

Já em relatorio annual havíamos tocado de leve e a correr no assumpto e affirmamos que collocar o problema nos termos em que está posto é não ter comprehensão exacta do seu alcance ou evitar propositadamente resolvel-o.

De feito, si, na mesma esphera, questões incomparavelmente mais simples ainda estão á espera de uma vontade pertinaz, que as apprehenda e resolva, não será á força de decretos que se removerá de prompto um dos maiores, ou melhor, o maior embaraço ao nosso progresso.

E seria ingenuidade suppor que, si assim não fosse, de ha muito estaria extincto entre nós o alphabetismo.

Já estiveram em vigor, aqui, leis chamadas de obrigatoriedade do ensino (Reg. 1331, de 1854), com imposição de multas pecuniarias (Res. de 8 de Dezembro de 1882), sem que produzissem resultado apreciavel.

Argumentam os adeptos do projecto que taes dispositivos, comquanto inexequiveis, surtirão algum effeito pelo temor que a pena inspira, diminuindo assim o numero de refractarios á escola.

Creemos, ao envez disso, que promulgar uma lei com o intuito deliberado de applical-a pela metade, é condemnal-a de antemão á inutilidade da letra morta.

No entanto, tudo está a reclamar uma providencia urgente nesse sentido, pois quanto mais adiado for o estudo do pro-

blema tanto mais difficil será a sua solução. Si o poder municipal tem de verdade de resolvel-o, deve desde já pôr em pratica medidas sem as quaes nunca se erguerá o grandioso edificio, ou, erguido, desabará com fracasso.

Deixemos de parte a possivel controversia constitucional, para apurar si a obrigatoriedade do ensino collide, ou não, com as garantias individuaes asseguradas aos cidadãos, protestem embora juristas e pedagogos de nota contra o que lhes parece um attentado á liberdade de pensamento.

«Antigamente — diz um destes — clamava-se: obrigae a entrar na igreja; hoje se grita: obrigae a entrar na escola; pois bem, a formula moderna é um preconceito e uma violencia tão grande como a antiga».

Mas demos por liquidado o ponto favoravelmente ao ensino obrigatorio, e encaremos alguns de seus aspectos interessantes.

Um delles — o primeiro pela importancia — é o financeiro, do qual depende directa e immediatamente a realização do plano civilizador.

Falem por si os numeros. Façamos alguns calculos, tomando por base os ultimos dados estatisticos publicados, os relativos ao exercicio de 1916.

Nesse anno despendeu a Prefeitura com o ensino lacunoso que temos a importancia de 7.634:774\$800, ascendendo a matricula de suas escolas a 73.225 crianças; o custo medio do alumno foi de 105\$419, por matricula.

A esse tempo a população escolar, incluídas as crianças de seis annos, era estimada em 182.457; mas como 19.759 d'ellas frequentavam cursos particulares, restavam para as escolas publicas..... 162.698 educandos.

Ora, em vista de numeros já conhecidos, teria a Prefeitura, se já fosse obrigatorio o ensino, de arcar com uma despesa approximada de 17.151:460\$462.

Mas, como a renda liquida da municipalidade era apenas de 28.393:000\$000, segue se que mais de sua metade seria absorvida pela instrucção.

O deficit orçamentario vultuoso (já era então de mais de quinze mil contos) seria extraordinariamente augmentado.

Como poderiam ser custeados os

outros serviços a cargo dos cofres municipaes?

Mais. O ensino realmente obrigatorio requer medidas complementares, sem as quaes a sua execução será facilmente burlada.

Entre estas se inclue a criação de um orpo de agentes para o recenseamento infantil, verificação de ausencias, imposição de multas, etc. E como não occorre ninguem compellir ao ensino primario os que não o recebem á mingua de meios, por conta do Estado deverá correr a sua manutenção na escola.

Tudo isto acarretará dispendio não pequeno ao erario municipal, hoje em condições mais difficeis do que em 1916, mercê dos novos encargos contraídos.

Já dissemos e aqui convictamente o repetimos: a continuarmos assim, ficaremos sempre no mesmo circulo vicioso: o paiz não se enriquece por falta de instrucção: a instrucção não se diffunde por falta de meios para custeal-a.

Mas a absurdo identico chegaremos, si acompanharmos os ideologos, que mais complicam a solução do caso.

Porque, na opinião delles, o ensino sómente poderá ser obrigatorio si fôr necessariamente gratuito, e como é impossivel, entre nós e no momento actual, tornal-o inteiramente gratuito, conclue-se que elle nunca será effectivamente obrigatorio.

Ainda aqui a solução acertada fuge dos extremos. Demos-lhe a unica compativel com o tempo, que é a intermediaria e assim alcançaremos lenta e gradualmente o objectivo visado.

Quem quer que pense em realizar o grande intento, verá que o primeiro passo nesse sentido é a construcção de predios escolares. Principio de economia e caso de consciencia.

Principio de economia — porque, construídos os edificios escolares, as sommas crescentes gastas actualmente em alugueis, reverterão ao cabo de certo tempo em beneficio da instrucção, incrementando-a.

Caso de consciencia — porque não pode o poder municipal exigir dos paes, sob comminações severas, que mandem seus filhos á escola si ella é mal illuminada e insalubre — foco permanente de deformações e achaques.

Si não podemos accommodar dignamente a infancia, contentemo-nos com a educação negativa, não lhe diminuindo as energias de vida.

Mas inquestionavelmente a instrução publica, nos moldes da que temos, é muito cara para ser gratuita.

Sob certo ponto de vista, a presença de alumnos nos cursos complementares é de todo em todo injustificavel, porque não é missão do Estado formar letrados, mas unicamente aclarar intelligencias, despertando nellas a necessidade de aprender.

E' indispensavel, ao menos por enquanto, que nos limitemos a um minimo razoavel de instrução gratuita, até que, com dotações mais largas, possamos crear as escolas primarias superiores e os cursos de revisão, como se está fazendo na Europa.

De tres annos deve ser o curso primario; não se supprimam os cursos complementares, mas que elles sejam, em sua generalidade, pagos.

Institua-se um fundo escolar constituído por subvenção do Estado e por doativos particulares, para assim se poder levar á escola os que hoje a não frequentam por insufficiencia ou carencia absoluta de meios.

Cumpra cobrar uma contribuição modica dos paes abastados, criando-se á maneira da Inglaterra, uma — *taxa de caridade* — em favor dos desvalidos.

Não é uma paga que se exige por um serviço, cujas vantagens de muito a excedem: é um dever de solidariedade e assistencia moral que se legaliza.

Nessa ordem de idéas, auxilio inestimavel viria trazer á causa da instrução o projecto, que pende de approvação do Congresso, autorizando a União a cooperar com os Estados na propagação do ensino.

A par dessas medidas, outras de muita conveniencia viriam completar o conjuncto.

Uma dellas é a adopção official de methodos modernos de ensino, de effcacia já longamente comprovada, que permitem ensinar mais em menos tempo.

Em materia de programmas muito haveria que remodelar, fazendo-os de generalidades, objectivos nos seus processos e praticos nos seus fins, banindo de nossas escolas o grande mal do verbalismo.

Ensino primario, para ser efficiente, ha de ser, tanto quanto possivel, objectivo, pois, como já observou alguém, as noções puramente verbaes passam pela intelligencia das crianças como gottas de oleo sobre superficie polida: deslisam sem deixar vestigios.

Eis, a largos traços, circumscripto o problema. Poderão variar as opiniões em pormenores: mas nas suas linhas capitaes, a solução é uma unica, tanto aqui como nos Estados.

Bem o comprehendeu o alto espirito do Dr. Washington Luis, pondo em practica, em S. Paulo, algumas das suggestões aqui alvitradas.

O ensino obrigatorio ha de ser o resultado de muitos factores e a grande obra só será coroada de exito feliz, se tiver execução paulatina.

Não nos fiemos na força milagrosa dos decretos, incapazes de mudar de subito uma população de illetrados em comunidade esclarecida.

Mas porfiemos sem descontinuar na consecução desses grandes ideaes, certos de que de sua realização depende a grandeza da Patria.

Nem sempre é dado ao legislador ou ao estadista ver realizadas as grandes reformas sociaes de seu tempo; mas a sua gloria não é menor por lhes ter afeiçoado o terreno, tornando possivel o seu advento.

J. C. da Costa Sena.

Inspector escolar.

POLITICA DE INSTRUÇÃO PUBLICA

O ensino da Historia

Já assignalamos a capital importancia do ensino de geographia, na escola primaria, para a formação da mentalidade politica do povo, pela devida apreciação das fontes geographicas, de que se alimentam as tradições inspiradoras do espirito territorial. Referimo-nos tambem á capacidade de synthese das formulas geographicas, como concretisações proprias a resumirem, na alma nacional, aspirações politicas, que, por outra fórma, difficilmente se radicariam nas mais profundas camadas populares.

Vejamos, agora, o papel pedagogico do ensino da historia para a consecução de taes objectivos, e como devem ser lançados, nesse particular, os fundamentos da nossa politica de instrução publica, para que mais effcaz se torne a acção da escola primaria, como factor basico da unidade nacional.

Antes, porém, cumpre accentuar a intima dependencia entre os acontecimentos historicos e os accidentes geographicos, aquelles, até certo ponto, dependentes destes pela fatal contingencia que sempre subordina os factos de successão aos de coexistencia.

Não é ociosa a recordação dessa dependencia.

Tal ligação permite desde logo prever a possibilidade da utilização do ensino da historia para a consecução dos mesmos objectivos, na formação do espirito nacional, que podem ser alcançados pela conveniente orientação dos estudos geographicos.

E' facil, com effeito inculir no espirito popular uma idea politica susceptivel de concretisação numa formula geographica, usando do recurso da evocação de uma figura historica, assim transformada em imagem symbolica de um episodio desenrolado em condições de suscitar a mesma idéa consubstanciada na imagem geographica.

O symbolo historico e a formula geographica se apresentam, assim, com a mesma capacidade representativa das idéas, que os personagens e os scenarios para a evocação dos episodios, que nes-

tes se desenvolveram pelo concurso daquelles.

E tanto um como a outra offerecem sob tal ponto de vista, valor pedagogico equivalente, podendo ser usados em reciproca substituição, ou empregados concomittantemente para que se completem, conforme as condições e conveniencias de cada caso.

Quer numa hypothese, quer noutra, a escolha das figuras destinadas ao papel de imagens symbolicas de ideas directoras do pensamento nacional, deve obedecer ao criterio da rigorosa verdade historica, devidamente apurada, de modo incontestavel, e sómente na falta absoluta de dados fidedignos, deverão ser adoptadas as personagens de ficção, creadas e mantidas pela tradição legendaria.

Parecerá, talvez, que essa ultima observação não encontre cabimento quando se considerar unicamente o caso concreto do nosso paiz, cuja historia só abrange um periodo de pouco mais de quatro seculos, intervallo aparentemente escasso para a evolução do trabalho, em geral, lento da legenda.

Entretanto, assim não é. Por motivos varios, temos accentuada tendencia á criação de legendas mythicas, mesmo em torno da verdade historica dos acontecimentos mais recentes e de documentação mais abundante e incontroversa.

Parece, mesmo, que nos comprazemos em phantasiar, sómente por não nos afastarmos das linhas de menor esforço; casos ha em que se diria termos caprichado na arte da reconstrução historica sem pesquisa, ou tentado, sem raciocinio a analyse de acontecimentos e de personagens.

Não querendo citar episodios contemporaneos, em apoio do que fica dito, basta recordarmos factos de um quarto de seculo, desenrolados na campanha para a pacificação do sertão bahiano, e magistralmente commentados pelo genio de Euclides da Cunha.

Precavenhamo-nos, pois, contra os typos de legenda. Escolhamos figuras capazes de constituirem symbolos significativos e estaveis, com a indispensavel

MAPPIN & WEBB LTD.

100, Ouvidor

RIO DE JANEIRO

JOALHERIA

Prataria, «Prata Princeza»

Objectos de arte, etc.

suggestibilidade das idéas, que devam representar.

Essas imagens não devem ser focalizadas no espirito infantil da população das escolas primarias pelo recurso exclusivo da biographia; é indispensavel ligar as figuras biographadas aos episodios capazes de suscitar as idéas, que ellas devem symbolisar, por apreciações de caracter geral, proprias a salientarem a importancia preponderante do acontecimento sobre o personagem, para que nunca, aos olhos do discipulo, o symbolo possa se avantajá á idéa.

Feitas essas indicações de natureza geral, cumpre examinar o modo e a orientação por que deva ser feito o ensino da historia.

Tal investigação de caracter essencialmente didactico, exige, porém, algumas observações preliminares, dictadas pelas condições em que, presentemente, é feito o ensino dessa disciplina nas escolas primarias da capital da Republica.

Conforme já tivemos ensejo de assignalar, os programmas do ensino de Historia, adoptados em Março de 1920 e ainda em vigor em nossas escolas primarias, constituem o melhor exemplo, que se possa apresentar de programmas pedantescos, (1) naturalmente redigidos com o objectivo exclusivo de patentear cultura avantajada, embora sem a coordenação peculiar aos estudos bem assimilados.

E' impossivel, sobre tal programma calcar um ensino racional, subordinado a objectivos determinados por um criterio superior.

Não pretendemos voltar, agora, á critica de obra tão desvaliosa, mas devemos assignalar não se encontrarem nella indicios siquer, donde a mais arguta professora possa inferir as idéas capitaes da politica de instrucção que devesse tel-a inspirado.

Carecemos, pois, de fazer obra abstrahindo inteiramente dos programmas officiaes em vigor n'este districto, isto é, admittindo que elles não sejam o que são e que fossem o que deveriam ser.

Assim fazendo, e tomando para ponto de partida a idéa capital, que admit-

(1) Vide a «A Escola Primaria» anno 5º n. 1, Fevereiro de 1921, pags. 2 e 3, o artigo intitulado «Programmas pedantescos».

timos como base da nossa politica de instrucção publica,—isto é, que a expansão territorial, a fixação das divisas e a penetração do sertão, constituindo, para nós problemas resolvidos, cuja phase já se encerrou, «o objectivo das gerações futuras deve ser a expansão economica economica do paiz, aproveitando os imensos recursos existentee dentro das fronteiras do seu territorio.» (1)—deduziremos as consequencias que resultam dessa premissa e delinearemos a forma porque deverá ser apresentado o conjuncto da evolução brasileira para que melhor se destaque a verdade de tal premissa.

Essa tarefa, porém, requer uma apreciação dos principaes vultos e factos de nossa historia, tanto no periodo colonial, como no imperio e na republica.

(1) Vide «A Escola Primaria» 5º anno, n. 4, Maio de 1921, pags. 107, o artigo intitulado «Politiica de Instrucção Publica»—O ensino da Geographia».

Um livro de geographia

Todas as profissões têm o seu antes, o seu durante, o seu depois.

Antes de abraçal-as, qualquér, que fogo vivo; em geral que fogo lento ao exercel-as; que fogo morto ao deixal-as.

Tal a regra, honrosas as excepções.

E' bem conhecido, no ensino secundario, de nossa capital um professor que antes da profissão, na constancia e depois d'ella manteve e mantém o mesmo ardor pedagogico, procurando transmittir ao proximo o que sobretudo o auto-didatismo lhe ensinára.

Referimo-nos ao professor Olavo Freire. Jubilado em cathedra da Escola Normal do Districto Federal, continua a ser o mestre, das gerações que surgem, como o foi das gerações preteritas. Para lêr agora escolheu o livro, escrevendo para os que não podem mais ouvil-o.

Da lavra de Olavo Freire é a *Geographia Geral* ora editada pela Livraria Francisco Alves. Cerca de quinhentas paginas instructoras e didacticas.

N'ellas o auctor consignou as novidades principaes da geographia após a

conflagração européa. Esta, como tão tristemente o mundo sabe, refundiu o mappa do antigo continente. Transformou-o em poucos annos, a maior contenda de homens que a historia registra, até hoje. A restricção corre por conta do futuro, dados os progressos da aviação, no sentido do bem e do mal.

Os auctores de compendios modernos de geographia sentem, se nos é permittida a phrase, fugir-lhe a terra, que descrevem, sob os pés. Quanto éra hoje de um povo, amanhã é de outro. Uns diplomatas, de carreira ou ás carreiras, em torno de uma mesa grande, n'uma sala solemne, rabiscos n'um tratado e profunda modificação no mappa: Por isso na *Geographia* de Olavo Freire se encontram notas d'este jaez, a respeito do Montenegro: «tende a desaparecer; talvez a Liga das Nações incorpore definitivamente este principado, sem valor, á Yugo Slavia; até a data em que escrevemos nada havia resolvido a respeito».

A mesma incerteza acerca de fórmulas de governo, levando Olavo Freire a escrever que o governo das antigas Todas as Russias, hoje reduzidas a uma e em que estado, «é republicano depois da barbara conflagração européa de 1914 a 1919, porem ainda não definitivamente implantado por causa das luctas intestinas que se desenrolam desde o fim da guerra».

Descontadas as duvidas dos compendios geographicos, dos atlas e dos mappas parietaes, os discipulos da aula de *Geographia* encontrarão mais deleite em aprender a disciplina do que talvez os seus collegas de outr'ora, martyrisados pela licção de cór, improductiva e mystificadora! A intelligencia castiga a memoria quando esta quér andar sem ella, dá-lhe primeiro o cansaço, depois a consciencia da inutilidade.

Quem comprehendeu bem e olhe para o mappa mundi, mesmo mudo, não é alcançada pelo conceito ironico do professor citado por Olavo Freire, dizendo aos escolares, consultem os livros que quizerem, prohibo-lhes sómente troca de idéas com os collegas. Montão de livros ao pé de um asno só lhe pode augmentar a nerossia das orelhas.

Synthetica, quando necessario; des-

riencia de ensinar, tão diverso das improvisações do mesmo ensinar, julgamos a *Geographia Geral* de Olavo Freire um livro de proveito para o ensino secundario, digno das edições successivas de outros trabalhos do autor.

Em relação a escriptores e a livros não ha a receiar condemnações definitivas de critica. O publico julga em ultima instancia a sem elle as sentenças litterarias não passam em julgado.

ESCRAGNOLLE DORIA.

“A Escola Primaria”

E' como o mais vivo desvanecimento que registramos em nossas columnas a seguinte honrosa apreciação da “A Escola Primaria”, inserta no “O Municipio” da cidade de Araquary, em seu numero de 14 de Julho ultimo, apreciação firmada por Ernesto Schiller, pseudonymo sob o qual se occulta Eurico Silva, o illustrado director do grupo escolar daquella adiantada cidade mineira:

UMA REVISTA

A instrucção publica primaria tem sido ventilada sempre por todos que lêem e escrevem até ás mais reconditas regiões do nosso torrão.

Alvitres são ruggeridos por espiritos irrequietos dos quatro nortes, as mil e uma medidas consideradas boas, são postas logo em pratica, encomios á mãos cheias são distribuidos e censuras acerrimas e verrinas mortificantes vemos esvahir dos bicos de muitas pennas.

Aqui é um jornal que versa sobre essas questões, acolá tem uma revista que se interessa por ellas, mais adiante é um methodo que apparece com os signaes de victoria pedagogica; é esse o assumpto velho e eternamente em fóco.

Até ha pouco siquer uma base solida se nos apresentava para a erecção condigna do monumento: um ponto licito de uma partida segura, não se havia desvendado ainda e as palavras que se coordenavam sempre visando esse mister grandioso iam-se deixando em grupos dis-

persos sem a continuidade productiva e a cohesão necessariamente definível. Porém, esse assumpto magno, ao qual se prendem todos os interesses vitales de um paiz e de um povo, tem agora em a nossa terra e aventador maximo, o praticante efficiente e commentador e utilitario.

Jamais se deu aqui uma feição moral tão bella, um cunho tão pratico, uma conducta tão irrefreprehensivel a um trabalho desse genero como á "A Escola Primaria", da Capital Federal, em obra de tal monta. Só ella é de grandioso vulto e conta com a mais perfeita orientação; ella mais que todas tem procurado cabalmente diffundi a instrucção e tem levantado as mais interessantes questões attinentes a esse ramo e ainda é ella que, uma e unica, procura com a mais larga visão, com o mais amplo descortinio pedagogico fazer as lições para os alumnos e formar os pontos para os mestres.

Tem se mostrado o seu corpo de colaboradores conhecedor profundo dessa arte difficilima de ensinar; os seus editores não deixam a margem sequer um ponto que tenha a sua utilidade pratica; a sua redacção é um trabalho perfeito que inspira confiança e agrada sobremodo a todos que tem a ventura de trazer-a em suas mãos.

Não é reclame, longe disso; é, assim me parece, um dever sagrado, de todos que conhecem, indical-a aos professores, da escola secundaria á primaria rural, bem como a todos os lares onde se preparam espiritos infantis.

Esse monumento intellectual que é o resultado da convergencia dos espiritos luminosos dos inspectores escolares da capital, tem nas suas columnas o ex-

poente maximo da sabedoria na organização de um ponto que discorre sobre qualquer que seja a materia basica do ensino.

Uma criança, que sabe ler, pôde, sem auxilio do mestre, tirar proventos admiraveis para a sua intelligencia absorvente.

ERNESTO SCHILLER.

Uma idéa patriotica

No louvavel intuito de diffundir o ensino primario e assim combater o mal do analfabetismo, existente ainda em larga escala no Brasil, a Comissão Executiva do Centenario, reunida a 11 de Julho corrente, votou unanimemente a seguinte moção que foi transmittida a todos os Presidentes e Governadores dos Estados:

«No dia 7 de Setembro de 1922, 1º Centenario da Independencia do Brasil, cada cidade do paiz, pelo menos as de 10.000 habitantes ou mais, inaugurará uma escola nova, grande ou pequena, mas uma escola, em summa, installada, ou mediante subscrição publica, ou por auxilio das municipalidades, ou dos Estados, senão por todos esses meios simultaneamente, e que uma vez inangurada fique a cargo da municipalidade ou do Estado, ou ainda de alguma instituição idonea, consagrada aos interesses do ensino.»

E' de esperar que esse importante voto encontre o mais franco apoio, não só dos poderes publicos, como, em geral de todos os brasileiros e que ninguém negue o seu concurso para que a data do 1º centenario da independencia nacional seja commemorada com a util fundação de estabelecimentos que servirão não só para a divulgacão do ensino da leitura, como para ministrar completa educação, isto é, cuidar da formação do caracter e do preparo da mentalidade das gerações futuras dependente em grande parte da escola primaria.

O melhor para as crianças com lombrigas

O Vermifugo EMIL é um xarope de sabor agradável e de efeitos seguros nas lombrigas e varias especies de ascarides.

E' completamente inoffensivo; não é irritante, a exemplo dos vermifugos oleosos.

E' preparado com vegetaes da florabrasileira, dos que são usados pelas commissões medicas do interior dos Estados, e, por isso, destróe todos os vermes, inclusive o anachylostomo.

Mas ainda mesmo quando as creanças nervosas e insomnes não expillam bichas, usando o Vermifugo EMIL, conseguem, com o seu uso, a calma e o dormir tranquillo.

O Vermifugo EMIL serve em qualquer caso, em creanças e adultos. Não tem dieta.

A venda nas principaes pharmacias e drogarias. Preço: vidro 2\$500; pelo Correio, 3\$500.

Deposito geral: Rua Uruguayana N. 66. Perestello & Filho.

A INSTRUÇÃO PRIMARIA NOS ESTADOS

A ultima mensagem do Dr. Arthur Bernardes

A mensagem agora dirigida ao Congresso Mineiro, pelo Dr. Arthur Bernardes, constitue, certamente, um documento merecedor da attenção de quantos se preocupam com a causa publica e demonstra esforços e resultados verdadeiramente dignos de registro. O resgate de 50.000.000 de francos da divida externa, assim reduzida de mais de um quarto da sua importancia; a extincção da divida flutuante; o encerramento do regimen do deficit e das difficuldades financeiras, pela apuração de um saldo orçamentario de mais de 19.900 contos de réis, a par da expansão de diferentes serviços publicos, contribuindo para o incremento do progresso do Estado, são factos auspiciosos, que embora sahindo da esphera dos assumptos directamente referentes ao objectivo desta revista, não podem ser por nós silenciados, ao apresentarmos aos nossos leitores os topicos da referida mensagem, relativas á instrucção primaria, e por nós commentadas em outro local.

Creación de escolas

Conforme vos assignaei na ultima Mensagem, desde 1914, o Estado não augmentava o numero de suas escolas primarias.

Os ultimos decretos creando escolas datavam de fevereiro daquelle anno.

Suggeri, por isto, á vossa sabedoria a conveniencia de se consignar annualmente no orçamento, tendo-se em vista a maior ou menor folga de recursos, uma quota destinada á indispensavel multiplicação de escolas.

Attendestes, felizmente, ao meu appello, e podeu assim, o meu governo crear, desde o inicio do anno passado até esta data, 3 grupos escolares, 206 escolas isoladas, sendo 12 urbanas (das quaes 3 noturnas), 43 districtaes e 151 ruraes, além de 42 logares de adjunctos em grupos e escolas e varios augmentos de cadeiras em grupos escolares.

Taes actos envolvem despesa maior do que a consignação orçamentaria especial, porquanto a manutenção das escolas e logares creados importa em trezentos contos de réis, approximadamente.

Não' duvidei, entretanto decretal-os, não só porque a verba geral da instrucção publica deixa, em geral, um saldo superior a duzentos contos, devido a licenças de funcionarios e vacancia de escolas, como porque a lei permite no caso a abertura de credito supplementar, precisamente para que o executivo possa exercer a faculdade de crear novas escolas não contempladas na proposta do orçamento.

Pareceu-me, além disso, da mais rigorosa justiça que, tendo meu governo conseguido assignalado allivio da despesa com os juros e amortização da divida externa, em virtude do resgate de grande parte desta, pudesse elle fazer reverter uma boa parcella de tal economia em proveito da educação popular, a qual, sendo o beneficio mais directo, mais visivel e mais precioso que os cidadãos recebem do poder publico, constitue para este um dever primordial e inilludível.

Acção educativa dos municipios

Assignalando que em 1908 as escolas municipaes eram em numero de 668, com 17.338 alumnos, situação que não se modificou até 1919, na Mensagem do anno passado dirigi um appello cordial ás administrações locais para que entrassem a reparar essa lamentavel estagnação da actividade educativa, a pedra de toque de um governo popular.

A estatística levantada com dados fornecidos pelas Camaras Municipaes revela, infelizmente, uma depressão daquelle actividade em confronto com o maior volume das rendas municipaes.

Assim é que, sendo de 68.567.474\$000 a arrecadação municipal no decennio de 1906 a 1915, e as despesas com o ensino primario de 2.560.13\$000 (representando 3,73 por cento da receita) — a mesma arrecadação foi, no anno passado, de 16.558.811\$000 e a despesa com o ensino montou a 614.638\$000 (o que representa 3,71 por cento da receita total).

Apenas duas das municipalidades mineiras empregaram 20 % de sua renda na instrucção popular e apenas 19 despenderam mais de 10 %.

Em incisiva e vehemente circular a cada uma das Camaras Municipaes brasileiras a Liga Nacionalista de S. Paulo propôs, o anno passado, a decretação de uma lei municipal, por todas as edilibdades do paiz, tornando obrigatorio o dispendio de 20 % das receitas locais com a educação do povo não só em escolas primarias, como em escolas nocturnas para adultos analfabetos e em bibliothecas.

O Governo de Minas secunda, com prazer e vivo empenho, esse ardoroso appello civico.

As municipalidades mineiras deveriam collocar-se com orgulho á frente dessa cruzada benemerita.

Distanciadas, como se acham, do idéal apontado na circular alludida, poderiam todas accordar, de começo, em despendir 10 %, pelo menos, da sua receita com a educação do povo, o que representaria indiscutivel progresso material e, sobretudo enorme progresso moral.

O adeantamento de uma nação se mede pelo interesse com que as suas communas intervem no problema de instrucção.

Nos mais cultos e adeantados paizes cabe aos municipios a parte mais activa e efficiente nesse serviço democratico e os poderes municipaes se gloriam dos beneficios que distribuem para a educação e o ensino.

Em contacto mais directo com as massas populares e com as escolas, podem elles influir decisivamente na frequencia escolar e na correccão dos mestres, agindo com a inspecção e o esti-

mulo, dous elementos vitais de todo instituto educativo.

Emquanto o problema do ensino primario se tratar, entre nós, á revelia do municipio (que o vitalisaria creando em torno d'elle o indispensavel espirito publico) — e á revelia da União, que o orientaria, coordenaria e, sobretudo nacionalizaria, — toda solução que se lhe der será obra mal fundada e mal acabada, sem rendimento que compense o despendido.

Assignalo com prazer que as Camaras Municipaes de Abre Campo, Aymorés, Baependy, Bom Despacho, Manhuassú, Monte Alegre, Passa Quatro, Prata, Rio José Pedro, Rio Pardo, Uberabinha, Villa Jequitinhonha, Rezende Costa e S. Gothardo, attendendo á suggestão da minha Mensagem ultima, votaram gratificações especiaes aos normalistas que acceitem a regencia das escolas ruraes não providas dos respectivos municipios.

Continuo a pensar que só essa conjugação de esforços estadoaes e municipaes faria cessar a impressionante vacancia de escolas estadoaes em zonas de vida cara e sem conforto, e espero que outros municipios nas condições dos mencionados, onde existem escolas permanentemente vagas, acudam ao convite especial que a Secretaria do Interior lhes dirigiu para a referida cooperação.

Regulamento do ensino

Está sendo regulamentada a lei n. 800, do anno passado, que reorganizou a instrução primaria estadoal. Já foi submettido á critica dos professores e educadores mais provecos e dos membros do Conselho Superior do Ensino, devendo ainda ser discutido e emendado por este para subir á sancção.

E' de esperar que essa remodelação imprima á causa do ensino, alguns rumos felizes: pela installação definitiva da Directoria Geral do Ensino, ha tanto preconizada por todos os technicos; pela instituição rigorosa e insophismavel das promoções e provimento dos melhores cargos por professores; pelo augmento do corpo de inspectores e melhoramento da fiscalização, de cuja eficiencia depende a do ensino; pelo aproveitamento do professorado já existente mediante o agrupamento escolar e o trabalho em dous turnos de horarios mais reduzidos (o que torna mais economico o tremendo encargo da lucta contra o analfabetismo); pela criação de conselhos locais de instrução e, finalmente, por um systema simples e pratico de incitamentos e estímulos á actividade municipal e individual, tão benefica para a causa da instrução popular.

Escolas e grupos

Em virtude dos actos de suppressão e criação de escolas singulares, o numero destas, até esta data, é de 1859, em vez das 1655 que tinhamos em 1919, assim classificadas: — urbanas, 283; districtaes, 953; ruraes, 454; colonias, 15.

Para o sexo masculino, 519; para o feminino, 374; mixtas, 966.

Estão providas 1.566 escolas, sendo: por

normalistas, 852; por não normalistas, 714; por homens, 235; por mulheres, 1.331.

Acham-se vagas 193 escolas; com o ensino suspenso por falta de predio ou efredí, que nca 25; sendo que a installação de 75 das recentemente creadas está na dependencia dos necessarios predios.

Existem, ainda, 138 logares de adjuntos, a saber: de escolas urbanas, 66; de districtaes 63; de ruraes, 9.

Estão providos 102 desses logares, sendo: 41, por normalistas; 61, por não normalistas.

Dos 220 grupos creados estão installados e funcionando actualmente com regularidade 171, com 1.223 classes, varias destas providas por adjunctos.

Muitos dos grupos funcionam em dous turnos, prestando, não raro, o serviço normal de dous grupos.

Dos 178 municipios do Estado, 127 possuem grupo escolar na séde, 24 têm-no apenas creado e apenas 27 não o têm ainda.

Installaram-se, depois da minha Mensagem do anno passado, os grupos de Pirapóra, Conquista, S. Domingos do Prata e Ressaquinha devendo installar-se, ainda este anno, os de Abaeté, Matheus Leme, Poços de Caldas, Villa Paraopeba e o 9.º grupo no bairro da Floresta, desta capital.

Movimento escolar

No 1.º semestre de 1920 funcionaram no Estado 126 grupos escolares urbanos (mais 9 do que no mesmo periodo do anno anterior), com 926 cadeiras; 32 grupos districtaes (mais 2 do que no anno anterior), com 148 cadeiras; 224 escolas urbanas; 801 districtaes; 405 ruraes e 27 nocturnas.

A matricula nesses estabelecimentos foi de 150.383 — contra 144.467 no 1.º semestre de 1919 —, e a frequencia foi de 80.099, ou de 53,26 por cento, contra 51,36 por cento no anno anterior.

No 2.º semestre funcionaram os mesmos grupos, com o mesmo numero de cadeiras; 225 escolas urbanas; 794 districtaes; 402 ruraes e 29 nocturnas.

A matricula elevou-se a 171.462 alumnos — contra 164.269 no 2.º semestre de 1919 — tendo sido a frequencia de 87.611, contra 81.238 no anno anterior, o que nos dá uma percentagem de frequencia de 51,09 em 1920 e de 49,45 em 1919.

Releva observar que o methodo adoptado de se apurar a frequencia em nossas escolas consiste em só se considerar frequente o alumno que assista no minimo a 15 lições por mês ou a 75 no semestre, methodo este mais rigoroso que o usado em outros Estados e seguindo o qual se contam todas as presenças durante o mês e se divide a somma pelo numero de dias de aulas, representando o quociente a media da frequencia em relação ao numero de matriculados.

D'ahi a percentagem aparentemente baixa nessa frequencia escolar, apesar de andarem nossas escolas quasi sempre superlotadas

Nos exames realizados nos grupos e escolas, a 28 de novembro, foram aprovados: no

1.º anno, 21.157 alumnos; no 2.º, 13.159; no 3.º, 7.464 e no 4.º, 3.974 — resultados estes sensivelmente melhores que os de 1919.

Em collaboração com os mencionados institutos officiaes de ensino primario, funcionaram ainda, no Estado, em 1920, 571 escolas municipaes com 24.833 alumnos; 883 escolas particulares, com 29.076 alumnos, 6 escolas subvencionadas pela União, nos patronatos agricolas, com 495 alumnos, além de varios cursos primarios em collegios e institutos de ensino profissional, com 4.240 alumnos.

Addicionando-se a matricula dessas escolas á dos grupos e escolas estadoaes que funcionaram no 2.º semestre de 1920 teremos:

Matricula dos grupos e das escolas estadoaes	171.462
» das escolas municipaes	24.833
» » » particulares	29.076
» » » subvencionadas pela União	495
» do curso primario dos collegios e institutos de ensino primario	4.240
Total	230.106

Convém registrar que não se conseguiu noticia alguma sobre as escolas municipaes e particulares de 15 municipios e que não foi possível organizar-se estatística das escolas domiciliarias, esparsas por fazendas e pequenos povoados — não sendo, pois, desacertado computar-se em 250.000 o numero das creanças que receberam instrução nos diversos estabelecimentos de ensino primario existentes em Minas.

Sendo já decorridos trinta annos desde a proclamação da Republica, até o anno a que se referem essas estatísticas, não parece desarrazoado lembrar, á guisa de estímulo, que, a 15 de novembro de 1889, a Provincia de Minas mantinha 1.229 escolas, das quaes funcionavam apenas 794, com uma matricula de 43.586.

Não ha informação exacta das escolas municipaes e particulares, que eram, entretanto, em numero insignificante, dada a vida subordinada e vegetativa dos municipios e o geral desinteresse, quasi aversão, pela instrução.

Trinta annos depois, funcionavam no Estado, 1.450 escolas officiaes (das 1.655 existentes) e 1.209 classes em grupos, correspondentes a outras tantas escolas, além dos mencionados institutos municipaes e particulares, totalizando uma matricula superior a duzentos e trinta mil alumnos, ou seja de mais de cinco vezes a matricula de 1889.

E' grato, pois, reafirmar que o Estado de Minas Geraes, graças ao civismo de suas esclarecidas administrações republicanas, na mais honrada e edificante continuidade de acção, não tem fugido ao maior de seus deveres, mantendo-se na linha da vanguarda entre os Estados que melhor se desvelam pela educação do povo.

Caixas escolares

O movimento financeiro das Caixas Escolares revela, desde 1918, uma auspiciosa tendencia a novo incremento dessa util instituição, que tanto influe para melhorar a frequencia escolar, pelos auxilios dispensados ás creanças pobres.

Existem, com effeito, creadas, 147 caixas, mais 7 do que o anno passado, que tiveram,

em 1920, o seguinte movimento, segundo os dados estatísticos remettidos á Secretaria do Interior:

Renda 74:410\$886, contra 43:521\$851 em 1919 e 34:845\$900 em 1918.

Despesa 49:536\$168, contra 32:253\$771 em 1919 e 27:547\$700 em 1918.

Vê-se, pois, que a receita do ultimo anno excedeu em 70 por cento a do anno anterior e em mais de cento por cento a de 1918, tendo sido correspondentes os beneficios distribuidos, segundo attestam os algarismos da despesa.

Do anno de 1920 para o corrente passou um saldo de 162:224\$985 apurado pela Secretaria, sendo, porém, certo que elle se eleva a mais de 200 contos de réis, pois faltam os dados de algumas caixas de consideravel patrimonio, como, por exemplo, a de Pitanguy.

Predios e material para as escolas

Durante o anno passado edificou o Governo novos predios para grupos e escolas isoladas e mandou reparar e concluir varios outros.

Vai, assim, o Governo melhorando o material dos institutos de ensino primario, preferentemente nas localidades onde se faz mais necessaria essa medida e onde a administração conta com recursos advindos das municipalidades e, não raro, de pessôas bem intencionadas, cujos esforços em bem da instrução popular popular registo com desvanecimento.

No relatório da Secretaria do Interior se acham descriptos minuciosamente os auxilios prestados ao Governo e as doações feitas ao mesmo para esse fim.

Foram auctorizados reparos nos predios dos grupos escolares de Christina, Prados, Silvianopolis, S. João Evangelista, Guaraná, Carmo do Parnahyba, Guanhões, Entre Rios; Ouro Preto, Villa Nova de Lima, Villa Nepomuceno, Marianna, Rio Branco, Salinas, Pouso Alegre, Peçanha, Cabo Verde, Sombos do Carangola, Curvello, Lagôa Dourada, Cataguazes, Paracatú, Passos, S. Manoel, Mariano Procopio, Patos, S. Sebastião do Paraíso, Villa Campestre, Uberabinha, Mar de Hespanha, Villa Virginia, Ferros, Itabira do Matto Dentro e Juiz de Fóra; e nos predios das escolas de Ribeirão Vermelho, Barreiros, Patys, Christiano Ottoni, Cattas Altas de Noruega, Bocayuva, Villa João Pinheiro, Carmo, Joahyma, Divina e povoado de Jacú.

Estão sendo construidos predios para os grupos escolares em Leopoldina, Matheus Leme, Villa Paraopeba, Villa Paraguassú, Manhuassú, Dôres do Indayá, Dôres da Boa Esperança, e, em vias de conclusão, os de Caldas, Abaeté e Dôres de Campos.

Ficaram terminadas as construcções escolares em Pirapora, S. Domingos do Prata, S. Rita do Sapucahy, Lambary (Aguas Virtuosas), Coryntho, Villa de Conquista, Abre Campo, Carmo da Matta e no bairro da Floresta em Bello Horizonte.

Promoveu-se ainda o recebimento de 26 escripturas de doação ao Estado de predios e terrenos para a installação de grupos e escolas.

Foi despendida a quantia de 569:221\$192 com a construcção e reparos de predios.

Na medida dos recursos orçamentarios

foram os grupos e escolas providos de carteiros e outros moveis necessarios, livros etc., tendo-se despendido para esse fim a importancia de 203.558\$860.

Conselho Superior de Instrucção Publica

Não houve alteração alguma na composição do Conselho, que se reuniu ordinariamente no dia 10 de cada mês e tomou conhecimento de 46 processos, sendo 41 disciplinares e 5 sobre livros e apparatus didacticos, tendo sido applicadas 13 exonerações, 4 remoções, 1 desclassificação, 1 admoestação, proferidas 9 absolvições e archivado um processo.

Doze dos accusados foram privados da disponibilidade remunerada.

Escola Normal

Funcionaram com regularidade as duas Escolas Normaes officiaes e 35 escolas equiparadas.

Na Escola Normal Modelo, da capital, apresentaram-se 93 candidatas ao exame de admissão, tendo sido aprovadas 63.

A matricula foi de 74 alumnas, no 1.º anno; 81 no 2.º; 73 no 3.º; e no 4.º, 81; ao todo, 279 alumnas, ou mais 32 alumnas do que em 1919.

Sahiram diplomadas 38 normalistas.

Na Escola Regional de Ouro Fino inscreveram-se nos exames de admissão 14 candidatos, todos aprovados.

A matricula geral foi de 54 alumnos, a saber: 16 no 1.º anno; 18 no 2.º; 13 no 3.º e 7 no 4.º anno.

Terminaram o curso 4 alumnos.

Bibliographia

Recebemos:

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. *Discurso do novo socio JULIO NOGUEIRA em sessão solemne realisada em 28 de Abril de 1921.*

E' um trabalho cuidado, no fundo e na fórma, e onde o seu autor patentea ao mesmo tempo, a cultura do seu espirito e a elevação de seus sentimentos patrioticos; é mais um titulo por que o conceituado professor justamente se recommenda como uma das figuras de maior destaque na magisterio e nos circulos intellectuaes da nossa terra.

ANTENOR NASCENTES. *Methodo Practico de análise gramatical.* 1911.—Já tivemos ensejo de nos referir ao «*Methodo practico de análise logica*» de Antenor Nascentes, registrando o bom serviço que o brilhante professor do Collegio Pedro II prestara á mocidade estudiosa, aquinhoando-a com aquelle tão util quanto despretencioso trabalho. Antenor Nascentes completa, agora, a sua meritoria obra em prol do ensinoda lingua mater-

na, organisando o *Methodo practico «de análise gramatical»*, optimo manual, vado nos mesmos moldes de precisão, claresa e simplicidade, que asseguraram o successo do seu antecessor.

LEONOR POSADA. «*Um punhado de assumptos para exercicios de redacção ao curso complementar das escolas publicas primarias*» e «*Um punhado de exercicios escriptos para a classe elementar das escolas primarias.*»—São dois optimos livrinhos, em boa hora approvados e mandados adoptar nas nossas escolas primarias, pelas auctoridades dirigentes da instrucção publica, e que a recommendal-os têm, de sobejo, a justa nomeada de sua autora, festejada poetisa e professora conceituadissima, justamente considerada um dos mais brilhantes ornamentos do magisterio official do municipio.

«A Escola Primaria» que se desvanecce de contar a illustre escriptora entre os seus mais apreciados collaboradores, felicita-se por ter o ensejo de consignar mais um bom serviço prestado ao ensino pela esforçada professora, que tanto tem se devotado a nobre carreira do magisterio.

JOSÉ AGOSTINHO DOS REIS. *Catecismo cvico. Grande Livraria editora de Leite Ribeiro e Maurillo.* 1921.—A recommendar o valor deste livrinho, destinado á educação civica dos nossos jovens patricios, bastam certamente os nomes, de seu autor e dos signatarios dos pareceres com que elle, modestamente, procurou amparar o seu valioso trabalho. O autor é um velho professor,—o decano da Congregação da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, da qual é vice-director, actualmente em exercicio.

Espirito culto e coração bonissimo, reúne o Dr. José Agostinho dos Reis os predicados necessarios ao autor de um catecismo como o que escreveu, entre os quaes se destacam o ardor civico e a grandeza d'alma, de sabejo patenteadas na campanha abolicionista, da qual foi um dos mais esforçados combatentes; sahio de suas mãos o trabalho acabado que d'elle seria de esperar, como muito bem dizem os paronymphos que o recommendam e são figuras do valor de Pinto da Rocha, monsenhor Fernando Rangel, Getulio das Neves e Ramiz Galvão, o venerando Presidente do Conselho Superior do Ensino e Reitor da Universidade do Rio de Janeiro.

Correspondencia

AMYNTAS.—Não pomos duvida em reconhecer que a sua solução tambem seja «elegante»; trata-se, porem, de uma solução algebrica, obtida pela resolução de um systema de duas equações a duas incognita

$$\left\{ \begin{array}{l} 3B=4A \\ 3B-A=108 \end{array} \right.$$

onde *A* e *B*, são, respectivamente, as edades incognitas do ouvinte e do orader, na epoca em que o segundo enunciou o problema ao primeiro. A substituição das letras usuaes *X* e *Y*, por *A* e *B*, na representação das incognitas, não tira ás equaldades retro-transcriptas o caracter de equações e, portanto, não basta para transformar a solução algebrica em solução arithmetica.

E. G. e M. O.—Os tratamentos de «Excellencia», «Senhoria» e «Mercê», exigem redacção epistolar em terceira pessoa do singular.

A consulta relativa a systemas monetarios pode ser satisfeita nos seguintes termos:

A lei n. 401 de 11 de Setembro de 1846, que fixou o padrão legal do systema monetario brasileiro, definiu o valor da unidade monetaria,—o real—, estabelecendo que *quatro mil reis* correspondem ao valor de uma oitava de ouro de 22 quilates.

Ora, o titulo de 22 quilates significa que em 24 partes, em pezo, de metal, ha 22 partes, em pezo, de ouro puro ou

$$\frac{22}{24}=0,9166\dots$$

Assim, ouro de 22 quilates significa ouro onde existem 917 milésimos de ouro puro e 83 milésimos de liga.

Como uma oitava equivale a 2,586 grammas, em uma oitava de ouro de 22 quilates haverá de ouro puro

$$3,586 \times 0,917$$

ou

$$3,288362 \text{ grammas}$$

Como uma oitava de ouro de 22 quilates ou 2,288362 grammas de ouro puro valem quatro mil reis, mil reis va-

lerão 0,8965 grammas de ouro de 22 quilates ou 0,8220905 grammas de ouro puro.

A libra esterlina contendo 240 pence ou dinheiros e representando 7,98805 grammas de ouro de 22 quilates, ou

$$7,98805 \times 0,917 = 7,9832504185$$

de ouro puro, segue-se que um dinheiro equivalerá a

$$\frac{7,9832504185}{240} = 0,98328354$$

de ouro de 22 quilates, ou

$$\frac{7,9832504185}{240} = 0,98328354$$

de ouro puro.

Si mil reis, moeda brasileira, equivalem a

$$0,8220905$$

de ouro puro, e si um dinheiro ou penny equivale a

$$0,98328354$$

de ouro puro, mil reis equivalem a

$$\frac{0,8220905}{0,98328354} = \frac{\text{dinheiros}}{26,935}$$

ou aproximadamente 27 dinheiros.

Por esse motivo é que se diz que a *taxa de paridade* entre a moeda brasileira e a moeda ingleza (libra esterlina) é a taxa de 27 dinheiros por mil reis. Quando a moeda brasileira está desvalorizada, em relação á libra esterlina, a taxa cambial, que estabelece a correspondencia entre uma e outra, será uma taxa abaixo do par, ou mil reis valerão menos de 27 dinheiros; no caso contrario, isto é, quando a libra se desvalorizar em relação a moeda brasileira, a taxa cambial será uma taxa acima do par, ou mil reis valerão mais de 27 dinheiros, hypothese que se verificou em 1889, ainda no regimen imperial.

A unidade monetaria nos Estados Unidos é o dollar, a moeda de 10 dollars contendo 258 grãos de ouro ao titulo de 9/10, o que dá para o dollar, ao par, o valor de 49 dinheiros e 5/16.

Como, ao par, mil reis valem 27 dinheiros, segue-se que, ao par, um dollar equivale a 1\$826.

Um exemplo permittirá perceber o que se passa presentemente com o dollar.

No dia 6 de Julho de 1621, por exemplo, o cambio do Rio sobre Londres regulou a taxa de $6\frac{3}{4}$ dinheiros por mil reis, isto é, a libra esterlina valendo 35\$555; no mesmo dia o cambio do Rio sobre Nova York regulou á taxa de 1 dollar por 9\$500.

Essas cotações mostram que as tres moedas, americana, ingleza e brasileira se acharam nas seguintes situações relativas: a ingleza desvalorizada em relação á americana, e a brasileira desvalorizada em relação a ambas, sendo a maior desvalorização em relação a moeda americana.

Com effeito, si a moeda brasileira estivesse tão desvalorizada em relação ao dollar, como em relação á libra esterlina, como mil reis valem $6\frac{3}{4}$ dinheiros, e, ao par, em um dollar ha 49 dinheiros e $5/56$, quando a taxa cambial no Rio fosse de $6\frac{3}{4}$ dinheiros por mil reis, o dollar valeria

$$\frac{49 \frac{5}{16}}{6 \frac{3}{4}} = \frac{49,3125}{6,75} = 7,305$$

isto é, 7\$305 e não 9\$500.

Ha, pois, não só uma alta valorização do dollar em relação á moeda brasileira, como também em relação a moeda ingleza.

Expediente

«A Escola Primaria» circula em todo o Brasil.

Os pedidos de assignaturas devem vir acompanhados da respectiva importancias e endereçados á

REDACÇÃO D' «A ESCOLA PRIMARIA»
RUA SETE DE SETEMBRO, 174=1º andar

As collecções dos annos anteriores, de 1916--1917, 1917--1918, 1918--1919 e 1920--1921, são vendidas na mesma redacção, ao preço de 9\$000, cada anno, em avulsos, e 12\$000, em volumes encadernados. Os pedidos de collecções, pelo correio, deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000 por collecção annual, para o registro postal.

Só se aceitam annuncios compatíveis com o caracter desta Revista.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto, tanto as communicações de mudanças de endereço, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

Os Snrs. assignantes, annunciantes e quaesquer pessoas que tenham negocios a tratar com a administração desta revista poderão procurar o gerente na redacção, das 3 ás 5 horas da tarde, nos dias uteis.

Avisamos aos nossos assignantes que o numero da «A Escola Primaria» relativo ao mez de Setembro proximo, terá uma tiragem excepcional de VINTE MILEXEMPLARES (20.000) destinados a DISTRIBUIÇÃO GRATUITA por todas as escolas primarias do Brasil, afim de proporcionar aos professores das mesmas os elementos necessarios a habilitar-os a mais condigna commemoração do primeiro centenario da nossa independencia.

Essé numero, tera collaboração vultosa do maior destaque nos nossos circulos intellectuaes.

A Luneta de Ouro

Officina de escultura — Encarnação e concertos de imagens, bafinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniuns, oculos, pince-nez, binoculos, optica e artigos de fantazias,

PINTO DA FONSECA & BALSEMÃO

Rua do Ouvidor n. 123

Abre ás 8 — Fecha ás 6 = Caixa Postal 1.398 — Endereço telegraphico «AURELIO»

Acaba de receber grande quantidade de todos os artigos que constítuem sua especialidade. O maior sortimento em Harmoniuns allemães e francezes.

RIO DE JANEIRO

II-A ESCOLA

UM PROBLEMA INTERESSANTE

O problema cujo enunciado publicamos sob o titulo acima, despertou interesse patenteado nas soluções que nos vieram de diferentes localidades.

Entre essas, destacaremos as que nos foram enviadas de Manáos, pelo illustre professor Abilio de Barros Alencar, lente da cadeira de Mathematica da Escola Normal daquela cidade, em carta datada de 19 de Junho.

Alem de uma solução arithmetica do problema proposto, nos termos do enunciado, remetteu-nos, também, o professor Abilio uma solução generalizada do mesmo problema; em seguida publicamos essas duas soluções, satisfazendo o desejo do nosso missivista.

SOLUÇÃO ARITHMETICA

Evidentemente a differença entre as edades no presente (1917) e no passado da 1ª pessoa ou a que fala, é igual a differença entre as edades no presente (1917) e no passado da 2ª pessoa ou da pessoa com quem fala a 1ª, isto é, são decorridos o mesmo numero de annos entre o passado e o presente referidos no problema e relativos a cada pessoa.

Do enunciado do problema e tendo em vista o exposto, se conclue: a idade no presente da 1ª pessoa, mais a idade no passado da 2ª pessoa (esta idade é metade daquella), é igual ao dôbro da idade presente da 2ª pessoa, ou o dôbro da idade passada da 1ª. Mas, sendo um numero, mais sua metade, igual a $\frac{3}{2}$

do mesmo numero, se deduz daqui ser $\frac{3}{2}$ da idade no presente da 1ª pessoa, igual ao dôbro da idade presente da 2ª, ou 3 vezes a idade da 1ª pessoa igual a 4 vezes a idade da 2ª, ou ainda (note bem), a idade da 1ª igual a $\frac{4}{3}$ da idade da 2ª. Logo: $\frac{3}{3}$ da idade da 2ª e mais

$\frac{4}{3}$ da mesma idade dão no presente

(1917) a somma das edades das duas pessoas; no futuro, quando a 2ª pessoa tiver a idade que a 1ª tem no presente

(1917), esta terá $\frac{4}{3} + \frac{4}{3} - \frac{3}{3} = \frac{5}{3}$

da idade que a 2ª pessoa tem no presente, sendo portanto $\frac{4}{3} + \frac{5}{3} = \frac{9}{3}$

da idade da 2ª pessoa a somma das edades das mesmas no futuro, isto é, quando tiverem as duas 108 annos. Sendo por consequencia 108 annos igual a $\frac{9}{3}$ da

idade da 2ª, a idade desta será portanto 108: $\frac{9}{3} = 108 \times \frac{3}{9} = 36$ annos no

presente (1917); a idade da 1ª no presente será $\frac{4}{3}$ de 36 = $\frac{4 \times 36}{3} = 48$

annos; a 1ª pessoa tinha no passado a mesma idade que a 2ª tem no presente (1917); tinha a 1ª na epoca passada 36 annos, tendo portanto decorridos 48 — 36 = 12 annos do passado ao presente, isto é, de 1905 a 1917, pois 1917 — 12 = 1905; a epoca futura será em 1929, nessa epoca a 1ª pessoa terá 48 + 12 = 60 annos e a 2ª 36 + 12 = 48, edades estas que somadas dão 108 annos.

Resumo

Em 1917 a 1ª pessoa tinha 48 annos e a 2ª 36; a 1ª pessoa tinha na epoca anterior a 1917 36 annos e a 2ª $\frac{48}{4} = 24$ annos; a epoca anterior ao presente 1917 foi 1905 e a futura será em 1929.

Generalisação

(PROBLEMA EM THESE)

Eu tenho n vezes a idade que tu tinhas quando eu tinha a idade que tu tens; quando tiveres a idade que eu tenho, a somma das nossas edades será de S annos. Pergunta-se a idade de cada um no presente, no passado e no futuro.

SOLUÇÃO

Conjuguemos o verbo *Ter* em os tempos do enunciado do problema:

Eu tenho: x annos } Presente
 Tu tens: y » }
 Eu tinha: y » }
 Tu tinhas: $\frac{x}{n}$ » } Passado

Quando tu tiveres x annos } Futuro.
 ou $y + x - y$ }
 Eu terei $x + x - y$ }

Liguemos o passado ao presente como mostra o quadro acima. Este quadro nos facilita estabelecer as equações do problema. Assim:

(1) $x - y = y - \frac{x}{n}$ e
 (2) $x + (x + x - y) = S$.

Resolvendo-se o systema das duas equações, achamos:

(1) $x = \frac{2nS}{5n-1}$ e } Edades no presente
 (2) $y = \frac{S(n+1)}{5n-1}$ }
 (3) $x' = \frac{S(n+1)}{5n-1}$ } Edades no passado
 (4) $y' = \frac{S(n+1)}{5n-1} - \frac{2nS}{5n-1} + \frac{S(n+1)}{5n-1} = \frac{2S}{5n-1}$ }
 (5) $x'' = \frac{2nS}{5n-1} + \frac{2nS}{5n-1} - \frac{S(n+1)}{5n-1} = \frac{S(3n-1)}{5n-1}$ } Edades no futuro.
 (6) $y'' = \frac{S(n+1)}{5n-1} + \frac{2nS}{5n-1} - \frac{S(n+1)}{5n-1} = \frac{2nS}{5n-1}$ }

Chamemos agora a o anno do passado, a' o do presente e a'' o do futuro. Posto isto, temos facilmente:

(7) $a = a' - \frac{S(n-1)}{5n-1}$
 (8) $a'' = a' + \frac{S(n-1)}{5n-1}$

Aplicação das formulas deduzidas

ao problema proposto pela «A Escola Primaria».

Dados: $S = 108$ annos
 $n = 2$ vezes
 $a' = 1917$.

Edades no presente:

a 1ª pessoa tinha em 1917:

$x = \frac{2.2.108}{5.2-1} = \frac{432}{9} = 48$ annos;

a 2ª pessoa tinha em 1917:

$y = \frac{108(2+1)}{5.2-1} = \frac{108.3}{9} = \frac{324}{9} = 36$ annos

Edades no passado:

a 1ª pessoa tinha:

$x' = \frac{108(2+1)}{5.2-1} = \frac{108.3}{9} = 36$ annos;

a 2ª pessoa tinha:

$y' = \frac{2.108}{5.2-1} = \frac{216}{9} = 24$ annos.

Edades no futuro:

a 1ª pessoa terá:
 $x'' = \frac{108(3.2-1)}{5.2-1} = \frac{108.5}{9} = 60$ annos;

a 2ª pessoa terá:

$y'' = \frac{2.2.108}{5.2-1} = \frac{4.108}{9} = 48$ annos.

Anno do passado: $a = 1917 - \frac{108(2-1)}{5.2-1} = 1917 - \frac{108}{9} = 1917 - 12 = 1905$.

Anno do futuro: $a'' = 1917 + \frac{108(2-1)}{5.2-1} = 1917 + 12 = 1929$.

Recebemos tambem uma solução algebrica do problema a que nos referimos, solução firmada com o pseudonymo de Amyntas.

Numeros abstractos e concretos

Desde o inicio dos meus estudos de Arithmetica senti uma certa intolerancia em aceitar a divisão dos numeros em *abstractos* e *concretos*, divulgada pela maioria de nossos compendios.

Tenho-a como viciosa e inaceitavel. Diz a maioria dos escriptores que, quando se enuncia um numero sem a designação da unidade a que se refere, esse numero é abstracto; quando se designa a especie da unidade, elle é *concreto*.

A idea do numero, como se sabe, nasce da comparação de duas grandezas ou quantidades da mesma especie, das quaes uma é a unidade ou termo de comparação. O numero é, pois, uma *relação* entre a grandeza e a respectiva unidade, definição aliás muito conhecida. Essa relação é essencialmente *abstracta*; nada, nem de leve, lhe empresta qualquer cunho de concretisação. O numero, isto é, essa *relação*, traz consigo uma robusta revelação de que é independente da especie da grandeza que se compara ou se mede.

Dessa operação surge um resultado em sua essencia inteiramente *abstracto*.

Cem kilometros representam um comprimento, como *10 metros cubicos*, um volume; *cem* e *10* indicam uma relação entre as quantidades *cem kilometros* e *10 metros cubicos* e as respectivas unidades do nosso systema metrico — o *kilometro* e o *metro cubico*. Assim, *cem*, *10*, etc., que são os numeros, não perdem o seu caracter abstracto e *cem kilometros*, *10 metros cubicos*, etc., que se revelam concretos, são *quantidades*, propriamente ditas, ou *grandezas*.

O chamado *numero concreto* nada mais é do que uma *quantidade*, accetando-se esta expressão como particularizando uma grandeza expressa em numeros, o que geralmente se faz.

Os numeros são, portanto, todos abstractos. E' pois viciosa e inaceitavel a divisão em *abstractos* e *concretos*.

Quando a um numero acompanhar a designação da especie da grandeza comparada ou medida, dever-se-á preferir chamar-se *quantidade* a toda a expressão composta do *numero* e da especie do padrão ou unidade.

Amyntas.

NOTAS DE AULA

Um processo muito vantajoso é o de fazer com. que as crianças desenhem nas suas lousas objectos já conhecidos de todos, guiando-as na formação de phrases allusivas aos mesmos.

Farão, por exemplo, um copo, um moringue, uma panella e até mesmo uma arvore, um animalzinho, etc.

A professora, corrigindo ligeiramente os desenhos, irá travando com as crianças dialogos como os que se seguem:

— Qual foi o seu primeiro desenho, Alda?
 — Foi um copo, professora, não está bonito?
 — Está, está bem bonito, mas que diz você deste copo, Alda?
 — Forme uma phrase com a palavra copo.

Já anteriormente a professora dera, como licção preparatoria, um exercicio oral, escrevendo no quadro negro varias palavras, á proporção que os alumnos formavam as phrases.

Assim, não foi difficil á pequenina dar immediatamente a seguinte phrase:

— Este lindo copo foi o vovô quem me deu.

A professora, proseguindo, pede uma phrase em que entre um signal de interrogação e Clovis, um pequeno muito esperto, dirige-se logo á sua companheirinha de banco, perguntando-lhe:

— O copo de Alda é de barro, Zulema?
 — Não, Clovis, o copo de Alda é de vidro e é mimo do avô della.

— Muito bem, Alda, agora me vae dar outra phrase.

— Gosto muito do meu copo e tenho muito cuidado com elle.

— E você, Jacy, que fez?
 — Fiz um moringue, professora.
 — Deixe vêr o seu moringue, Jacy.

— Estão vendo o moringue, vamos tambem dizer alguma cousa a respeito do trabalho de Jacy, não é, João?

João, um grande peralta, achou logo occasião para zombar da irmã e, olhando-a de soslaio, com um sorriso brejeiro:

— O moringue de Jacy parece uma garrafa.
 — Sim, Jacy fez um moringue um pouco estreito, é preciso alargar mais o bojo.

E a professora vae corrigindo o desenho e animando a desenhista, ao mesmo tempo que prosegue no inquerito.

— E agora, João, que me diz do moringue?
 — Ah! mas não foi a Jacy...
 — De que se fazem os moringues, João?
 — De barro, professora.
 — E para que servem?
 — Para *guardar* a agua bem fresquinha.
 — Vejamos, agora, o que fez o Carlos.

Olhe para aqui, João, veja com que se parece este desenho.

— Ah! isto é uma panella.
 E acudiu logo a Laura, uma pequena viva como o azogue:

— Logo vi que o Carlos ia cuidar de panelas, elle é tão guloso!...
 — Bem, o Carlos mesmo nos vae explicar para que serve aquella panella.

— Nesta panella a mamãe sempre faz doce para mim.

— Eu não disse que o Carlos só cuida de comer? emendou Laura.

E a Jacy muito prompta:

— Deixe que eu digo uma phrase para a panella do Carlos, sim, professora?

O Carlos é um menino muito buliçoso, por isso foi destampar a panella e derramou todo o doce...

— ... e a mãe delle deu-lhe uma sova, acrescentou Virginia.

Não faziam mais que se vingar do Carlos que, pouco afeito aos estudos, vive constantemente a bulir com uns e com outros.

— Lygia, deixe ver o seu trabalho.

— Eu fiz uma arvore, professora.

— Sim, senhora, não está má, mas é preciso concertar um pouquinho estes ramos e esta folhagem.

Vocês hão de ter notado que os galhos de uma arvore não são tesos, rectos e além disso são muito desiguaes; uns são longos, outros curtos, os de baixo são sempre mais grossos e vão afinando para as extremidades. Olhem bem para aquella arvore; e a professora indicando uma arvore que fica em frente á janella, vae apontando todos os detalhes ainda não percebidos pelas crianças.

Encaminhando-se, em seguida, para o quadro negro, esboçará rapidamente uma arvore, mostrando a maneira mais pratica de representá-la com a sua respectiva folhagem.

— Então, Lygia, procure corrigir a sua arvore e dê uma phrase fallando della.

— Esta arvore é do meu jardim.

— Mas que especie de arvore é, Lygia?

— É uma roseira.

— Mas como se chamam as arvores pequenas que em geral ornam os nossos jardins, como a roseira e outras?

— São arbustos, são arbustos, respondem quasi em côro.

— Eu tambem fiz uma arvore, apressou-se a dizer o Jorge.

De facto, Jorge desenhára uma arvore, bem melhor que a sua colleguinha e lá delineára entre dois galhos um pequenino ninho e, pousado num ramo proximo, um passaro minuscuro. Proseguindo, não foi com surpresa que ouvi phrases deste jaez:

— No ramo desta arvore está um lindo sabiá.

— Elle deixou o ninho para ir buscar comida para os seus filhotes.

— É muito cedo e os filhotinhos estão dormindo.

A Zuleika desenhára uma casinha que despertára as seguintes phrases:

— Esta casinha é do vovô.

— Elle mora lá na villa.

— Domingo fui de carro visitar o vovô.

— Elle ficou muito contente e deu-me pêras, maçãs e uvas.

Este methodo, alliado sempre á leitura e á escripta, trará grande desenvolvimento á classe e muita vivacidade aos educandos.

E. P.

ATRAVÉZ DAS REVISTAS

O ESCOLAR PREGUIÇOSO

O receio do esforço é natural, e si alguns homens, os «activos superiores», como Napoleão e Gladstone, acharam alegria e prazer no trabalho, chegando até a identificar-se com elle, a maioria o evita sempre e não se esforça senão o menos possível, ordinariamente premissa pela necessidade, constituindo esta maioria os «activos medios»; outros, enfim, sentem pela acção e sobretudo pela acção methodica e constante uma repugnancia mais ou menos visível: constituem o exercito innumeravel dos preguiçosos de todas as categorias e de todas as castas.

A palavra «preguiça» é muito elastica e não pôde ser applicada indifferentemente a todos os escolares a que falta o ardor ao trabalho. De ordinario ha precipitação em accusar-se a má vontade de um alumno. Mas a vontade não é uma força distribuida com igualdade por todos, está subordinada á hereditariedade, ao temperamento, ao estado de saude, educação, etc.; sofre influencias as mais diversas e muitas vezes as menos comprehensíveis. Quando pois se encontra um «preguiçoso» o melhor é averiguar porque o é.

Só assim é possível, aliás de um modo grosseiro e arbitrario, assignar á preguiça escolar uma causa physiologica, intellectual ou moral. Muitos alumnos que chamamos preguiçosos e aos quaes punimos, não são senão doentes de que é preciso cuidar. Neste particular a medicina poderá prestar assignalados serviços á pedagogia, mostrando os laços existentes entre o physico e o moral do alumno. Acreditam todos os que se dedicam a assumptos escolares, que uma alma forte domina o corpo; os physiologistas, entretanto, nos mostram quanto a carne pode influir sobre o espirito.

A criança está sujeita a molestias, defeitos, indisposições que, na maioria das vezes, são as causas da sua preguiça. Assim, por exemplo, muitas vezes quando os órgãos dos sentidos não funcionam bem, ella se mostra indifferente ao que se passa em torno della. Julga-se então que ella tem o espirito embafado.

Tendes acaso um alumno travesso, fagarella, vadio e que todavia possui todas as apparencias de saude. Mas, bem verificando, vereis que talvez se trate de um myope ou, ao contrario, hypermetrope. No primeiro caso, vê com difficuldade o que escreveis ou o que traças no quadro-negro e, por conseguinte, se desinteressa pelas explicações que mal acompanha; no segundo, tem sempre «o nariz no ar» porque, instinctivamente, descança a vista, olhando á distancia. A vista é o sentido escolar por excellencia, mas infelizmente as anomalias da mesma são muito frequentes. Podia-se escrever um tratado sobre «a influencia da vista no desenvolvimento intellectual e physico das crianças». Este genero de preguiça reclama os cuidados do oculista e de ordinario se corrige pelo uso de oculos com vidros biconcavos ou biconvexos, conforme o caso exigir. Outra fraqueza pode ser determinada por defeito de audição. Convenientemente tratada, a criança nos causará admiração por seu ardor ao trabalho. Tambem não damos nenhum valor á epoca do crescimento, que consome um terço da vida humana, precisamente a idade escolar. Exames antropologicos feitos em datas fixas, explicariam bem certas depressões da actividade intellectual. Quantas vezes um alumno que era agil e vivo, de subito se mostra languido e apathico, em consequencia de um crescimento rapido e repentino! E' que a natureza não pôde prestar

ao mesmo tempo dous serviços e entre elles o estudo é que fica prejudicado.

A puberdade, esta phase que desperta todas as taras hereditarias, é cousa que pouco nos preoccupa. Ella se apresenta com um cortejo de melancolias, languidezes, entorpecimentos e vicios. Uma especie de impotencia cerebral, de prostração intellectual que, não raro, desconcerta e desola os paes e os professores, tem ahí o seu ponto de partida.

A molestia, a miseria, a atonia ou a pobreza physiologica povoam as nossas escolas de apathicos, preguiçosos, cansados sem trabalho e dos quaes se diz que já nasceram fatigados. Não são preguiçosos imputaveis. Não se deve mesmo confundir a sadiga temporaria com a preguiça. Um alumno que dorme pouco ou mal na sua casa, ou vive nella acabrunhado de trabalhos physicos, superiores ás suas forças, ou que se excede nos jogos ou nos sports, não pôde bem cumprir os seus deveres escolares. Excede alli, fraquea aqui. E' tambem um preguiçoso doente.

Eis um preguiçoso de outro typo. Physicamente bem constituido, forte, de espirito são, entretanto não tem gosto pelo estudo, não se applica, não faz progressos. Preguiçoso sem remedio, sentencia o mestre. Antes de condemnal-o, examinemo-lo e procuremos determinar as causas provaveis ou simplesmente possiveis desta inappetencia ao trabalho intellectual. Será talvez— porque não dizel-o? — um ensino sem vida, abstracto, diffuso, fatigante, demasiado difficil ou profundo, que submerge o alumno num oceano de noções, trazendo-lhe a confusão no espirito. Bem sabeis que ha alumnos que se tornam diligentes mudando de classe, o que quer dizer que o methodo do seu antigo profeseor era de certa fórma a causa da sua indolencia.

Muitas vezes a desattenção, a memoria fraca, fugitiva, rebelde, ou os máos hábitos de trabalho, o desmazelo, a dispersão da actividade, etc., não permitem um alumno acompanhar a classe. Não ha em todos esses casos preguiça propriamente dita. Pôde ainda acontecer que essa apathia de espirito indique falta de capacidade para o trabalho escolar. A intelligencia humana se manifesta de mil formas e é um erro pensar que todas as crianças são igualmente dotadas para o estudo. O alumno peor da classe se pôde revelar um mecanico genial, um industrial sagaz, um grande negociante, de modo que, começando por escandalisar com a sua inercia, acaba por deslumbrar com a sua actividade. E' que, sahindo da escola, elle enveredou pelo caminho da sua vocação; é que as suas aptidões naturaes encontraram um apoio, um estímulo. Descubre-se-lhe afinal uma propensão. A preguiça de certos escolares nasce de uma defeza natural da sua índole; são preguiçosos nos estudos pela simples razão de que não nasceram para isso. Assim tambem os sonhadores, os utopistas, os sentimentaes não são, em regra, estudantes muito operosos. De ordinario, deslumbrados pelo esplendor dos seus sonhos, esquecem-se dos livros. Não obstante, muitos vêm a ser geniaes artistas, escriptores de merito. O successo escolar não é o unico meio de aferir-se da intelligencia de alguém e não raro vemos que o talento floresce á margem da escola. Nem sempre, pois, é um preguiçoso e como tal responsavel, o alumno que não estuda.

Reservariamos esta qualificação para aquelle que, bem dotado em todos os sentidos, apto para os estudos, alcançaria feliz exito si se esforçasse um pouco, mas que insistentemente dá provas de má vontade. E' o preguiçoso renitente, obstinado, consummado. Resiste a todos os estímulos e permanece da mesma fórma nas boas classes como nas mediocres. Indifferente e rebelde, tem aversão ao estudo, simplesmente porque este re-

clama uma acção methodica, uma continuidade de esforços; não prepara as licções, colla os trabalhos escriptos, despendendo, não raro, para fugir ao cumprimento do dever, mais intelligencia e actividade que seriam precisas para bem desempenhal-o. Esta preguiça, este temor ao esforço denotam, no fundo, desanimo e fraqueza. Não obstante, quando se encontra um preguiçoso dessa especie, é possível achar para seu vicio, se não uma desculpa, ao menos uma explicação. A severidade de um professor que faz do descontentamento perpetuo o seu estado normal e que, habitualmente, só recompensa o successo, pôde revestir as apparencias da injustiça e desencorajar, abalar para sempre certas naturezas sensíveis ou certos caracteres fracos. A indifferença ou incuria da familia e, não raro, seu espirito de critica e desprezo ao professor e á escola, fazem tambem refractarios ao estudo, como podemos testemunhar.

Quanto ao preguiçoso por scepticismo que, duvidando da utilidade da instrução, se compraz em um simples, «para que»? e ao preguiçoso por desespero de jamais attingir o seu ideal, estes não se encontram senão mui raramente.

As causas, ou antes, as condições da preguiça assim determinadas, pôdem ser combatidas com algumas grammas de exito escolar. A preguiça morbida resultante de uma anomalia ou mesmo de uma molestia, reclama evidentemente o tratamento medico, e é para a manutenção da disciplina entre estes anormaes em que falham todos os meios commumente empregados, que a collaboração do medico junto a do mestre traria os melhores resultados.

Seria para desejar que todos os professores possuissem noções completas de hygiene geral e escolar calcadas sobre conhecimentos exactos da physiologia humana, pois assim seriam mais efficazes as suas lições para os alumnos cujos defeitos — notadamente a preguiça — estão ligados ao seu estado morbido; dariam mais importancia aos passeios, aos jogos, aos sports, e á educação physica, tão descuidada como preconizada, entraria enfim no franco dominio da realidade. Tempo virá em que a nossa pedagogia ha de descer das regiões do espirito para o terreno dos factos!

O interesse! eis o especifico, o soberano remedio para a preguiça intellectual. «O segredo é desde logo agradar e interessar». Cumpra attrahir as intelligencias e os corações, forçal-os a renunciar á sua indolencia e inercia, o que se consegue fazendo um ensino intuitivo e attrahente, convenientemente adaptado, que estímulos a attenção e desperte a curiosidade.

O professor deve esforçar-se por ter uma classe homogenea; a divisão de uma turma em bons e máos alumnos deve ser completamente abolida, para não dar logar a um centro de cultura da preguiça. Neste ponto de vista, as revisões frequentes, uteis a todos, são indispensaveis aos retardatarios. Não ficando estes desprezivelmente entregues á sua triste sorte, constatao progressos em sua instrução, encorajam-se, animam-se e até chegam a trabalhar com extremado esforço. O successo pessoal excita o amor ao trabalho e por isso mesmo deve-se ter em grande conta as aptidões de cada um.

Nossa organização escolar é muito uniforme, falta-lhe malleabilidade, não se adapta ás diversidades dos casos. Não pensamos em «individualisar» a instrução, mas é possível chegar-se (o que no estrangeiro já se conseguiu) a criar para cada curso, nas grandes escolas, secções ou classes para as diversas categorias de alumnos: muito aptos para o estudo, mediocres e menos que mediocres. Talvez que tambem se chegue a conceber um dia, a vantagem que ha em transferir-se um alumno que

não faz progressos nos estudos, uma vez adquiridas as noções mais indispensáveis, para uma aula de ensino técnico onde aproveitará melhor as lições do mestre. E' a escola que deve amoldar-se á diversidade dos caracteres, porque estes jamais se amoldarão á rigidez da sua organização.

Todavia não basta o interesse para eliminar a preguiça; e mesmo o prazer que tudo faz, como disse Fénelon, não impede a existencia de recalitrantes ao estudo, de preguiçosos intratáveis. O appello aos sentimentos affectivos, ao amor proprio, á honra, á dignidade; uma grande regularidade nos trabalhos escolares que obriguem os alumnos á observancia rigorosa dos deveres, não permitindo todos esses pequenos incidentes que dão expansão ao espirito do preguiçoso, são processos que bem empregados podem produzir optimos

resultados. A mudança de meio que permita ao preguiçoso criar pelle nova é tambem, algumas vezes, salutar.

Final, com os escolares desta categoria deve-se emprehender com desvelo a educação da vontade e é preciso convir que as nossas numerosas classes não se prestam bem a estas delicadas tarefas.

Em qualquer caso, a primeira palavra a pronunciar, quando se trata de escolares preguiçosos é esta: «distingamos». Ha preguiça e preguiça. Ha casos perfeitamente curáveis. O essencial é remover as causas e as origens do mal. Muitas vezes o remedio apparece por si.

E' preciso saber — «saber afim de prever para prover».

Helena

ESCOLA NORMAL

GEOGRAPHIA

PONTO N. 5

SUMMARIO.—*As terras e as aguas; sua distribuição geral em continentes e ilhas, em oceanos e mares. Accidentes de recortes das terras e variedades fundamentaes de seu relevo.*

Cerca de tres quartas partes da superfície terrestre se acham immersas ou cobertas de agua; pode-se, pois, dizer que as terras emersas se acham circundadas pelas aguas, dividindo-se aquellas em continentes e ilhas e estas em oceanos e mares. Cinco são os continentes actuaes: o continente Eulasiano, formado pela Europa e Asia; o continente Africano; os dois continentes Americanos, outr'ora ligados pelo isthmo de Panamá e hoje separados pelo canal do mesmo nome; o continente Australiano, formado pela Australia ou Australasia.

Essa divisão das terras em cinco continentes resulta da abertura dos canaes de Suez e do Panamá; até então, a Europa, a Asia e a Africa formavam um só continente — o antigo continente —, as duas Americas formavam outro — o novo continente —, e a Australia o terceiro — o novissimo continente.

Além dos continentes, isto é, das grandes superfícies de terras emersas, temos a considerar massas de terras maiores ou menores, emergindo da superfície dos oceanos e mares, isoladamente ou

em grupos; são as ilhas e os archipelagos, estes não sendo mais do que grupos daquellas.

Entre as maiores ilhas do nosso globo devem ser citadas Madagascar, Nova Guiné e Islandia e dos varios archipelagos merecem destaque, pela extensão das ilhas que os constituem e pela sua importancia politica e economica, as ilhas Britanicas, o grupo da Sonda, na Malasia, e as Antilhas, entre as duas Americas.

Os oceanos são tambem cinco, isto é, em numero igual ao dos continentes; são elles: o oceano Atlantico, entre as duas Americas e a Europa e Africa; o oceano Pacifico, entre as duas Americas e a Asia e Australia; o oceano Indico, entre a Africa, a Asia e a Australia; o oceano glacial Artico e o oceano glacial Antartico, nas zonas glaciaes dos mesmos nomes.

As terras e as aguas não se distribuem por igual em toda a superfície da Terra.

A maior massa de terras emersas se encontra no hemispherio septentrional, sendo o hemispherio meridional um hemispherio oceanico.

Dividindo a terra em dois hemispherios, pelo plano do meridiano que passa pelo pico de Tenerife, nas ilhas Canarias, verifica-se que o hemispherio ao oriente do referido pico apresenta maiores massas continentaes que o hemispherio occidental, onde só se encontram as duas Americas.

Si dividirmos a Terra em dois hemi-

spherios por um plano que, passando pelo centro do nosso globo, seja perpendicular á vertical da cidade de Londres — plano que é o horizonte racional da mesma cidade — o hemispherio em que se acha situada a capital do imperio britanico será o hemispherio continental, porque nelle se encontram $\frac{3}{7}$ da superfície occupada por terras emersas, contra $\frac{4}{7}$ da mesma superfície occupada por aguas, emquanto que no hemispherio opposto — por isso chamado hemispherio oceanico — sómente $\frac{1}{12}$ da superfície corresponde a terras emersas, sendo os restantes $\frac{11}{12}$ occupados pelas aguas. As partes de terras existentes neste hemispherio oceanico são a Australia e ilhas da Oceania e a parte meridional da America do Sul.

E' interessante, tambem, verificar a distribuição das terras emersas pelas diferentes zonas em que se divide a Terra. Essa indagação patenteará que as zonas continentaes são a zona temperada septentrional, com $\frac{7}{13}$ do total da superfície occupadas pelas terras, e a zona torrida, onde as terras representam $\frac{5}{13}$ do total das terras do globo.

A zona temperada do sul e as duas zonas glaciaes constituem o que poderiamos chamar zonas oceanicas, pois nellas as terras representam menos de $\frac{1}{13}$ do total das terras do globo.

Para concluir a exposição dos principaes factos relativos á distribuição das terras e aguas convem apresentar alguns dados para a comparação approximada. Assim, fixando a superfície do globo terrestre em 510.000.000 kilometros quadrados e representando-a pelo numero 51, teriamos que a superfície occupada pelas aguas seria representada pelo numero 38 e a occupada pelas terras emersas pelo numero 13. Dessas 13 partes de terras emersas caberiam á Europa 1, á Oceania 1, á Africa 3, ás duas Americas 4 e á Asia 4.

As partes de terra emersas são recortadas pelas aguas, offerecendo accidentes em saliencia e accidentes em reentrancia.

Entre os primeiros figuram os cabos e as peninsulas e entre os ultimos os golfos, as bahias e as enseadas. Entre as peninsulas temos a distinguir as peninsulas fechadas, ou as que se ligam ás massas continentaes por estreitas fachas de

terra ou isthmos estreitos, e as peninsulas abertas ou aquellas em que os isthmos respectivos têm consideravel largura ou não existem. A península da Criméa, no sul da Europa, ligada á Russia continental pelo estreito isthmo de Perekops, e a península de Malaca, ao sueste da Asia, ligada á Indo-China pelo isthmo de Kraw, são exemplos typicos de peninsulas fechadas. A península Iberica, no sul da Europa é o exemplo de uma península aberta com um isthmo de consideravel largura, pois que a linha de adelgaçamento que nos offerece o territorio da França em seu extremo sudoeste póde ser considerada um isthmo de grandes dimensões.

Como exemplos de peninsulas abertas, nas quaes não se póde distinguir um isthmo, deve ser citada a península Itálica.

A superfície das terras emersas, ou dos continentes e ilhas, não offerece um aspecto uniforme; o seu relevo é mesmo bastante variado, apresentando ora planícies baixas, ora planícies altas tambem denominadas planuras ou planaltos, que chegam a ter 4.000 de altitude, ora saliencias e depressões ou valles, mais ou menos irregulares.

Diversas são as variedades de typos de saliencias das superfícies continentaes; variam ellas em importancia desde a collina até as montanhas, os agrupamentos de montanhas constituindo as serras e as cordilheiras e as reuniões de serras e cordilheiras formando as cadeias de montanhas.

I. A.

Instrucção moral e civica

RESUMO DE AULA — II PONTO

Aberração dos instinctos egoistas — a gula, a luxuria, a embriaguez pelo alcool e pelo ether — o morphinismo, o tabagismo, o cocainismo.

A escola não é sómente um estabelecimento destinado a desenvolver e a illustrar a intelligencia humana; é, tambem, o abençoado logar onde se avigora o o caracter da creança, ministrando-se-lhe uteis ensinamentos, que a não deixarão, jamais, praticar uma falta qualquer.

Não é sufficiente ensinar a creança

ciencias mathematicas, linguas, geographia e historia, ciencias physicas e naturaes; é necessario, para se adquirir uma geração robusta e conscia dos seus impreteriveis deveres, educar-se-lhe o character, quer narrando-se-lhe feitos empolgantes de diversos vultos, quer offerecendo-se-lhe exemplos praticos das virtudes civicas.

Certo, a instrucção intellectual é uma especie de armadura, que proporciona ao homem diversos meios de viver honestamente, isto é, o homem preparado não precisará de recorrer a expedientes condemnaveis para alcançar os vintens necessarios á sua subsistencia; mas, a a instrucção moral é que torna a creança energica e honesta, perseverante e voluntaria, e apta, portanto, a amar e a servir ao seu paiz com o maximo entusiasmo.

Em se despertando no educando o amor ao trabalho, a veneração pelos seus Paes, a obediencia aos seus mestres, o respeito ás autoridades constituídas da nação e o horror a tudo aquillo que degrada e corrompe o homem, é licito alimentar-se a doce esperança de alcançar-se uma população honesta. Ora, educada á sombra dos melhores principios e dos mais salutaes exemplos, a creança vae aprendendo a ser sincera nos seus compromissos e a ser correcta na sua conducta; e não é o terror da prisão que a intimida e a faz proceder com dignidade — é a sua consciencia, que lhe traça as normas de conducta, graças á educação moral que recebeu.

Assim orientada, a creança saberá repellir com altivez os maus conselhos, as más companhias e a fugir daquelles centros denominados pelos francezes — *marchés des folies* — onde se embota o character e se adquirem perniciosos vicios. De aberrações egoisticas podem ser appellidadas todas aquellas fraquezas, que levam o homem a desviar-se dos principios comesinhos da moral christan, e taes aberrações egoisticas são de funestos effeitos, razão por que o poder publico intervem para evitar, com a sua autoridade, que se multipliquem taes fraquezas.

A gula, que é o vicio de comer e beber sem propositos, não só demonstra falta de conhecimento das regras da poijidez, como também fatiga o estomago,

provocando, ás vezes, graves desordens organicas. Todos devem comer o necessario para manter, em equilibrio, o seu organismo; admite-se mesmo a predileção por algumas iguarias, mas, reprova-se a glutomania, que, sobre ser um peccado mortal para os que professam a inegualvel doutrina do Divino Nazareno, tão desastrosos são os seus effeitos, sob qualquer prisma de observação, constitue um acto deprimente. Ha temperamentos que reclamam maior dóse de nutrição: mas, o que se condemna é a violação grosseira dos preceitos da frugalidade e da sobriedade, virtudes inseparaveis do homem bem educado, e que, praticadas pelos spartanos, lhes proporcionaram momentos de indizível alegria.

Phocion, o grande orador da antiguidade grega, cuja vida Plutarcho escreveu, jamais cessou de recommendar a frugalidade á multidão que, enthusiasmada, escutava as suas eloquentes orações; e as maneiras simples da sua vida, diz um historiador, concorreram para augmentar o prestigio, que lhe aureolava a existencia.

“Não serão os acostumados a gula, escreveu o grande Montesquieu, que hão de comprehender e amar a vida frugal; não serão também aquelles que admiram e invejam o lucro dos outros, que louvarão a frugalidade; os homens que não têm ante os olhos senão os ricos ou tão miseraveis como elles, detestam sua miseria, sem estimar e conhecer o que faz o termo da miseria”. Não se exige que o homem se abstenha do prazer, que proporcionam certas comidas, preparadas consoante as regras de Brillat-Savarin, tampouco se recommenda que elle jejue a maior parte da sua existencia, mas, reprova-se, nem se admite, mesmo, que, movido tão só pelos prazeres da mesa, elle se despoje dos habitos frugaes e se transforme em gastronomo.

Apicius, que era um afamado glotão, contemporaneo de Augusto e de Tiberio, matou-se porque empobrecera... e não mais dispunha de sesternos para pagar opiparos banquetes. A gula apoderou-se de tal forma daquelle temperamento folgazão, que o levou a commetter um acto de fraqueza, retirando-se desse mundo, ainda mui jovem.

Gourmandes, cessez de nous donner
La catre de votre diner:
Tant de gens qui soni au regime
Ont droit de vous en faire un crime.

(Béranger).

Esses versos que a população franceza entoava, quando se multiplicaram os horrores da communa de Paris, exprimem a indignação do necessitado, que não encontra meios de saciar a sua fome e presencia as festas publicas e os avultados gastos do erario nacional; no emtanto, a frugalidade, que é a virtude que faz o homem contentar-se com o mesa parcimoniosa e a sobriedade, que faz o homem conformar-se com a quantidade de alimentos, que encontra para prover a sua nutrição, em se despreoccupando de catar as coisas superfluas, são apreciaveis qualidades que precisam de ser despertadas, afim de que o homem não seja levado a commetter acções feias.

Os japonezes recommendam-se também pela sua sobriedade; e tal predicado cooperou, bastante, para o esplendor dos grandes feitos, que tornaram o Japão respeitado nos grandes centros da cultura européa. «Se os meus convidados não sahirem, exclamou Socrates quando o accusaram da frugalidade das suas refeições, encontrarão na minha mesa o necessario para lhes satisfazer o appetite, si, porém, forem gulosos, encontrarão, apenas, o sufficiente para a sua alimentação.

Deve-se, portanto, combater a gula e aconselhar a creança a não se afastar, jamais, dos preceitos da frugalidade e da sobriedade, não só para conservar uma excellente saúde de corpo e de espirito, como também para não incorrer nas mercedas censuras dos que observam as nossas inclinações, os nossos gestos, a nossa educação, os nossos costumes, os nossos defeitos.

Outro defeito que exige uma severa condemnação é a luxuria ou concupiscencia, que consiste em transformar o homem num escravo de paixões desordenadas. E, em se analysando os resultados de semelhante fraqueza, cedo se verificará que ella ha sido a origem de violentas revoluções, a causa directa de

crimes que convulsionam a sociedade e a fonte perenne de acções degradantes. Escravisando a vontade humana, enfraquecendo a faculdade volitiva, tal qualidade que desvirilisa Athenas e Roma, implantando naquellas cidades a corrupção dos costumes publicos e a dissolução dos lares, é, incontestavelmente, a causadora dos males que affligem uma sociedade e lhe retardam o adeantamento.

A falta de virtudes da esposa de Meneláo, rei de Sparta, a famosa Helena, é que accendeu a guerra entre gregos e troyanos, cantada pelo grande Homero, no seu imperecível poema a *Illyada*, a ausencia de virtudes domesticas é que fez do imperio romano um vasto palco, onde se exhibia a mais impudente e fesrencina comedia; e para cohibir taes abusos, que corrompem o ente humano, tornando-o incapaz de rasgos de altivez e de generosidade, recorre-se á moral religiosa que desperta no individuo as faculdades de raciocinio, isto é, desenvolve nelle a faculdade de comprehender o alcance dos seus actos, medindo-lhes as consequencias.

E' a mulher virtuosa a maior riqueza, a maior gloria de uma geração; é o homem virtuoso o melhor factor do engrandecimento das nações; porque ambos, com a sua conducta irrepreensível, saberão educar, nos melhores ensinamentos a sua prole, e não conhecerão esforços para assegurar o bem-estar da sua sociedade: ambos serão guiados pelos mais rudes ideaes, que podem acudir ao pensamento humano, e não desperdiçarão o seu tempo em fertilidades que envenenam o coração e sulapam os alicerces sociaes; ambos saberão conduzir-se com a maxima dignidade, em momentos difficeis, legando eloquentes exemplos de civismo e de respeito aos principios basicos da honestidade. A creança, principalmente, e o adulto são inclinados a imitação, logo taes lições de dignidade podem despertar nas gerações novas o desejo de imitar aquelles que souberam agir, com prudencia e seriedade em difficeis conjunturas. E' sempre satisfeito e orgulhoso que eu leio os grandes episodios da nossa patria; porém mais contentamento eu sinto, quando recordo ás minhas alumnas os principaes vultos da nossa historia. Em lhes

fallando das virtudes femininas, devo lembrar-lhes a figura altamente sympathica de Maria Barbara, a mameluca que, para não violar as promessas conjugaes, preferiu ser assassinada pelo seu infame algoz. Seu vulto é maior que o de Lucrecia, esposa de Tarquino Collatino; porque seu corpo ficou intacto e ella lutou com o seu carrasco.

Compoz-lhe Ferreira Aranha, poeta maranhense, o seguinte soneto em memoria da sua conducta:

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Essa nova ao esposo afflicto errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto e já sujeito
O tronco frio ao corvo altivolante.

Que de um monstro inhumana, lhe declara
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém que allivio busque á dor amára.

Lembrando-se que teve uma consorte
Que por honra da fé que lhe jurára
A' mancha conjugal prefere a morte.

Maria Barbara, mameluca que vivera sempre atarefada com os negocios da sua casa, é um symbolo nacional, e o seu feito é de natureza a inspirar o maior apreço, a mais acendrada admiração.

Não poderia proferir mais persuasivas palavras sobre a virtude; a transcripção do soneto de Ferreira Aranha basta para lhes despertar horas de meditações.

ALFREDO BALTHAZAR DA SILVEIRA

(Continua)

HISTORIA DO BRASIL

Divisão do Brasil em dois governos e subsequente reunião em um só — Dominio hespanhol.

Depois do mallogro da expedição de D. Luiz de Vasconcellos e Souza devido á intollerancia calvinista e da morte de Mem de Sá, na Bahia, em Março de 1572, resolveu o governo portuguez desmembrar em dois o governo da colonia americana: um com sede na Bahia e outro no Rio de Janeiro, confiando-os respectivamente a D. Luiz de Brito e Almeida e Antonio Salema. A jurisdicção do primeiro estendia-se até os confins da capitania de Ilhéos com a de Porto Seguro, onde se começava a sentir a autoridade de Salema. Era este doutor em leis e já professára jurisprudencia na vestuta universidade das margens do Mondego. Achava-se no paiz como ouvidor em Pernambuco quando foi surpreendido com mais essa prova de confiança governamental.

Quanto a Luiz de Brito, conta-nos Frei Vicente do Salvador em sua Historia que lhe foi confiado o governo do Norte como recompensa aos valiosos serviços prestados á população de Lisboa na qualidade de escrivão da Misericordia, quando uma peste assolára a cidade.

Essa medida infeliz da divisão do Brasil pouco durou: em 12 de Abril de 1577 era nomeado Lourenço da Veiga capitão da Bahia e governador geral da dita capitania e de todas as mais terras e capitanias do Brasil. Era um acto acertado da metropole. As vantagens de ordem administrativa resultantes da divisão não compensavam os perigos decorrentes de um tal regimen, notadamente a difficuldade de concentração de esforço no caso de ataque. Anos mais tarde, de 1608 a 1617 novamente foi estabelecida a dualidade de governo no paiz, com a nomeação de Francisco de Souza para

governador do Sul com o pomposo titulo de "Governador e Intendente das Minas".

O governo de Luiz de Brito caracterisou-se pela tentativa de incorporação de Sergipe e pelas entradas á caça de riquezas mineraes, chefiadas successivamente por Sebastião Tourinho, Antonio Dias Adorno, Diogo Martins Leão e Marcos de Azevedo Coutinho, que serão estudados opportunamente.

No governo do Sul, Salema auxiliado pelo capitão-mór de S. Vicente, deu guerra aos indios de Cabo Frio e pacificou o territorio entre a cidade do Rio e Macahé. Não pequeno foi o numero de mortos e escravizados entre os gentios.

Profundo golpe soffreram, assim, as pretensões dos francezes que contavam com a sollicitude e alliança dos Tamoyos.

Regista a historia a accusação a Salema por Christovão Barros, de delapidador dos cofres publicos, gastando na construcção de um engenho real mais de tres mil cruzados, quando não valia quinhentos...

Ficou a direcção da colonia entregue a Luiz de Brito emquanto não chegava Lourenço da Veiga a tomar posse, o que sa verificou em 1º de Janeiro de 1578.

Durante a sua administração a Hespanha conseguiu realizar um sonho de ha muito desejado, de assenhorear-se de toda a peninsula Iberica. Succumbindo em 4 de Agosto de 1578 em territorio marroquino o rei D. Sebastião, mixto de heroe e fanatico, succedeu-lhe no throno a figura inexpressiva, trefega e alquebrada do cardeal D. Henrique, que já bastante sacrificára o glorioso Portugal como regente, durante a menoridade do seu inditoso sobrinho, após o fallecimento da rainha avó D. Catharina d'Austria. Alçado ao poder D. Henrique, alvoroçaram-se os pretendentes ao throno, contando todos com o seu proximo desenlace. Acalentára o monarcha esperanças a varios dos pretendentes, morrendo, porém, em 31 de Janeiro de 1580, sem ter dado preferencia a nenhum. A vista disso constituiu-se uma juncta governativa, composta de quatro membros, até que as côrtes resolveram a quem entregar a direcção da nação.

Dos pretendentes destacavam-se o rei de Hespanha, Felipe II, na qualidade

de neto d'el-rei D. Manoel, cuja filha D. Izabel havia casado com Carlos V da Allemanha; D. Catharina e D. Antonio, Prior do Crato, igualmente netos do rei Venturoso. O rei Hespanhol dirigiu-se á junta na defeza de suas pretensões e como essa não o satisfizesse promptamente uma vez que com identicos direitos ao throno outros se apresentavam, resolveu o "Demonio do Meio Dia" invadir o territorio lusitano com um exercito numeroso, sob as ordens do sanguinolento Duque d'Alba. Deante da força, a *ultima ratio regum*, o patriotismo portuguez teve de ceder; mallograda ficou a tentativa de D. Antonio, já aclamado rei em Santarém e entre orações em Lisbôa. As côrtes reunidas em Thomar, (19 de Abril de 81) solemnemente ractificaram a imposição hespanhola. O Prior do Crato ainda pensou em resistencia: a principio acalentou a idéa de no Brasil vir estabelecer seu reino popular, idéa logo depois abandonada para negociar com Catharina de Medicis a cessão do nosso paiz á França em troca do exercito que essa nação forneceria para a expulsão do dominio Hespanhol do sólo Portuguez. Fóra a viagem de tres navios Francezes ao Rio com o fito de angariar apoio a esse plano, tudo mais não passou de projectos... Triste e desilludido annos mais tarde, em Paris, fallecia o pobre Prior.

Ao Brasil não foi nefasto o dominio da Hespanha, como muitos se comprasem em afirmar. A bem dizer essa mudança de direcção não chegou a impressionar á gente da nossa terra, que a assistiu indifferente, talvez mesmo esperanças... Em mãos Portuguezas continuava toda a administração de Portugal e seus antigos dominios.

Tão sómente os da familia real Hespanhola teriam primazia aos da Portugueza na disputa e distribuição dos cargos.

Portugal e Hespanha constituindo politicamente um e unico Estado, o tratado das Tordezilhas deixava de ter significação, e sem entraves podiamos expandir-nos em demanda dos nossos verdadeiros limites naturaes: Amazonas e Prata. Este ultimo já occupado em parte, ficou de lado e tratamos de assenhorearmos do Norte, cubiçado por varias nações. Gastamos nessa empreza, digni-

OSCAR MACHADO

Joalheiro

Rua do Ouvidor, 101 e 103 (canto da rua Sachet) — Rio de Janeiro



Telepg. n. 2367
Endereço Telegraphico
AGEMO-RIO

ficadora das qualidades de caracter e coragem da nossa gente, todo o periodo que vae de 1581, quando com Fructuoso Barbosa principiamos a conquista da Parahyba com ingentes esforços, até 1616, quando com o rixento Francisco Caldeira Castello Branco chegamos á margem direita do Pará, erguendo o Forte de Presépe. O estimulante mais energico dessa expansão fôra o francez, renitente em fixar-se no paiz.

Alexandre de Manso, Jeronymo de Albuquerque, Martins Soares Moreno, Manoel Mascarenhas Homem, Feliciano Coelho e Fructuoso Barbosa, são os vultos mais eminentes na integralisação do Norte ao primitivo nucleo do Brasil.

Assim, ao dominio Hespanhol devemos, ou pelo menos, durante elle conseguimos repellir definitivamente o francez do paiz (pois as expedições posteriores não têm caracter de conquista) e effectuamos a occupação nortista, aliás ligada como vimos. ao episodio da expulsão dos francezes.

A justiça muito ganhou em eficiencia com a creação em 1609 de um Tribunal de Relação na Bahia.

Ainda temos a constatar durannte o periodo da dominação Hespanhola a creação em Junho de 1621 do Estado do Maranhão, independente completamente do resto do paiz e dependendo directa-

mente do governo peninsular. Com esse acto, Felipe IV obedecia ás tradições hespanholas de retalhamento dos dominios americanos.

Nem só vantagens, entretanto, desfructamos com a dominação castelhana. O reverso da medalha é representado pelas invasões Hollandezas e repetidos ataques aos nossos mais importantes portos pelos Inglezes. A Hespanha ainda poderosa arcava com grandes inimidades das potencias que lhe disputavam a supremacia. A' esse motivo de ordem politica accrescia a intolerância religiosa de seus dirigentes, para mais agravar a sua situação internacional. Reunidos á Hespanha, Portugal e Brasil tiveram que aguentar e se haver com os inimigos daquella potencia. Passavam pelas mesmas vicissitudes. Aliás com os Flamengos nos haveriamos mesmo sem ligações com Castella. A liberdade dos mares era necessidade vital á independencia das Provincias Unidas. Portugal seguindo a mesma politica economica, a do *monopolio*, sustentada pela sua visinha, tinha fatalmente de entrar em lucta com a Hollanda, a menos que mudasse de directriz. A inimidade que separava as duas, foi méro pretexto. Essa é que é a verdade.

O. PORTINHO.

MENOS TRABALHO MELHOR RESULTADO

Sua correspondencia fala por V. S., revela sua propria personalidade.

Faça-a nitida e convincente, imprima character e uniformidade em suas cartas, usando a machina de escrever REMINGTON com sahida automatica, que reduz o trabalho do dactylographo, reduzindo o custo da sua correspondencia commercial.

Nada lhe custa pedir-nos uma machina para experiencia, afim de certificar-se destas vantagens.

CASA PRATT

Rua do Ouvidor, 125

Tel. Norte 2020

Filiaes ou Agencias nas principaes Cidades

NÃO BASTA QUERER TRABALHAR é necessario aprender a trabalhar. O fim das escolas praticas é justamente ministrar tal ensino. Matriculem-se na ESCOLA REMINGTON, rua 7 de Setembro, 67 e estudem dactylographia e tachygraphia.

III-LIÇÕES E EXERCICIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

3º 4º e 5º ANNOS

3º ponto do programma do 3º anno —Symbolos da Patria: bandeiras, hymnos, armas da Republica e do Districto Federal.

Summario—No 3º anno começará o professor a lição explicando a significação da palavra symbolo e dará exemplos diversos a respeito, afim de que os alumnos bem comprehendam porque bandeira, hymnos e armas são symbolos da Patria. No 4º e 5º annos essa explicação será muito mais rapida, pois será então uma simples recapitulação.

Respeito e acatamento aos symbolos da Patria: os actos externos de tirar o chapéu e levantar-se, correspondentes ao culto intimo que lhes votamos. Porque devemos amar e respeitar a bandeira principal dos symbolos, o que ella representa, o que encerra, o que synthetisa e exprime.

Descripção da bandeira com as razões de ser de seus desenhos e côres—descripção completa para o 4º e 5º annos. No 3º o professor evitará precisar as formas: não falará em 'losango, que as creanças não conhecem, nem determinará o numero de estrellas correspondente ao tambem desconhecido numero de estados do Brasil. Significação da legenda 'Ordem e Progresso'.

O hymno nacional, o hymno á bandeira, nomes dos seus autores.

Para o 5º anno—descripção completa das armas da União e do Districto Federal; no 4º anno—descripção sem entrar em grandes minucias: no 3º—dizer apenas que as armas da Republica são formadas por uma estrella com as côres nacionaes e sustentada por um gladio: as do Districto Federal: barco ladeado de golfinhos e com a vella encimada por um castello. Do mesmo modo se procederá para explicar a parte symbolica de cada um dos elementos.

Onde se veem as armas da Republica e as do Districto Federal.

Para a explanação deste ponto é mister grande entusiasmo por parte do mestre, entusiasmo que faça nascer no peito dos alumnos a scentelha sagrada do amor á patria.

Mas que o professor mantenha as palavras da sua exposiçao no justo meio termo que é uma das grandes, senão a principal sciencia do educador: nem arroubos de exagerado sentimento que os alumnos não comprehendam e pois nada lhes diga á alma, nem a frieza da indiferença que lhes deixe o coração immovel ante os symbolos do seu paiz, que enfeixam em linhas e cores, em sons harmoniosos e palavras cheias de ideaes, tudo quanto é bom, e bello, e generoso e digno e que deve ser respeitado e querido com todo o carinho que nos possa caber nas fibras do coração.

MARIA R. CAMPOS

GEOGRAPHIA

2º anno

ORIENTAÇÃO

Devemos começar a lição mostrando ás crianças a necessidade da orientação. Por exemplo: o alumno B, que mora na mesma rua em que fica situada a escola, para vir a ella tem que tomar á direita. Porque? porque a escola fica á direita de sua casa. O alumno M, que mora um pouco mais longe, quando vem para a escola, ao chegar á praça tal, é obrigado a tomar a rua que lhe fica á esquerda. Porque? porque a escola fica á esquerda dessa praça. Citar outros exemplos.

Assim, a escola fica ao fim da rua tal, em frente ao edificio tal, do lado da

tal morro, depois da casa de fulano, antes de chegar ao logar onde mora o alumno L, etc.

Depois mostrar ás crianças que nem sempre é possível determinar a situação da escola, ou de outro qualquer edificio, tomando para pontos de referencia casas, jardins ou quaesquer outros pontos notaveis de uma cidade ou de uma região limitada, é preciso tomar como *ponto de partida uma cousa* que seja visivel de todas as cidades, de todas as regiões, de todo o mundo emfim. E esse ponto de referencia não pôde ser senão o lado de onde nasce o sol, porque esse é visivel de todos os logares. Fazer com que os discipulos mostrem o logar onde o sol apparece.

Dizer em seguida que este logar é o *nascente* ou *leste*, porque é ahí que vemos o sol nascer.

Fazer depois notar que o sol se esconde, se põe, do lado opposto, que é chamado *poente* ou *oeste*. Todas as crianças devem mostrar o poente.

Chegar indirectamente á determinação dos pontos *norte* e *sul* dizendo que quando voltamos a nossa direita para o nascente, temos á frente e ás costas dois outros pontos, que chamamos respectivamente *norte* e *sul*. Fazer com que os alumnos mostrem o norte e o sul.

Concluir dizendo que esses quatro pontos: nascente ou este, poente o oeste, norte e sul, são os quatro *pontos cardaes*.

Como complemento da lição as crianças podem dizer a situação dos edificios e logradouros publicos mais proximos da escola; verificar a orientação da sala de aula e marcar no chão a linha leste-oeste e em seguida a linha norte-sul.

3º anno

O PORTO DO RIO DE JANEIRO

Dizer que o porto do Rio de Janeiro é um dos mais formosos e maiores de todo o mundo, offerecendo esplendido abrigo para os navios, pois a entrada da barra não apresenta perigos e a bahia fica num circulo de montanhas que quebram a força dos ventos.

Commercialmente fallando é um porto bastante importante porque é por

elle que sahem todos os productos de exportação de Minas Geraes e do Rio de Janeiro além de grande parte do café exportado pelo norte de S. Paulo. Entram e sahem diariamente no nosso porto dezena de navios nacionaes e estrangeiros, que nos trazem dos paizes com os quaes entretemos relações commerciaes os productos que a elles compramos, e levam-lhes os nossos artigos de exportação. Desses paizes os que comnosco entretem commercio mais activo são: Estados Unidos, Allemanha, Inglaterra, França, etc.

Citar as principaes das nossas companhias de navegação: o Lloyd Brasileiro, que tem linhas de navegação para a America do Norte e para a Argentina e Uruguay, e a Companhia Nacional Costeira. Lembrar que cada navio que chega recebe as tres visitas: Saude, Policia e Alfandega, que, no caso de trazerem doentes de molestia contagiosa, são obrigados a soffrer uma desinfecção e, ás vezes, a ficar de quarentena no Lazareto da Ilha Grande.

Fallar na construcção do Caes do Porto, que todos os navios podem atracar.

Dizer que o porto do Rio de Janeiro é um porto fortificado; logo á entrada ficam: á direita, a fortaleza de Santa Cruz, á esquerda a de S. João, e no meio, em uma ilha isolada, a fortaleza da Lage.

Ha ainda fortificações nas ilhas de Villegaignon e das Cobras.

Citar as outras ilhas da Bahia: Governador, Paquetá, das Enxadas, Fiscal; dizer que nas duas ultimas existem estabelecimentos navaes, fallar na ilha da Sapucaia como sendo o deposito de lixo da cidade.

Fallar nas lindas enseadas que circumdam a nossa bahia, no Pão de Assucar; na cidade de Nictheroy, capital do Estado do Rio, que nos fica fronteira.

Observação: A lição deve ser dada á vista do mappa da bahia de Guanabara.

4º anno

REGIÃO DO NORDESTE

A região nordeste do Brasil é formada dos Estados do Pará, Maranhão, Piahy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco.

O clima nessa região é tropical, quer

dizer, de temperatura bastante elevada, refrescada por chuvas frequentes.

E' uma região banhada por grande numero de rios, que fertilizam seu solo, amenizando a acção do calor. Desses rios o mais importante é o Amazonas, que recebe como principaes afluentes, no Estado do Pará, os rios Tapajóz, Xingú e Tocantins.

Separando o Maranhão do Piahy temos o rio Parnahyba, que até poucos mezes atraz era o unico meio de comunicação entre Theresina e outras cidades do interior do Piahy, e Parnahyba, unico porto de mar desse Estado.

Os meios de comunicação utilizados são a rêde fluvial e estradas de ferro; no Estado do Pará é pelo rio Amazonas que se faz todo o commercio com o Amazonas e o Acre. Nos demais Estados que formam essa região os meios de transporte ficam reduzidos ás estradas de ferro, por não serem os rios navegaveis.

A região do nordeste do Brasil é toda ella bastante productiva; as mais exuberantes florestas são encontradas no valle do Amazonas, produzindo bellissimas madeiras, taes como: jacarandá, pau-setim, pau-rosa, etc.

No Estado do Pará o principal producto é a borracha, que constitue uma das maiores fontes de riqueza do Brasil, a qual é exportada principalmente para os Estados Unidos e a Inglaterra. Produz tambem o Pará: cacau, de que ainda a Inglaterra e os Estados Unidos são os maiores compradores; castanhas, plantas medicinaes, etc.

Do Maranhão os principaes productos são: o algodão, a canna de assucar, o cacau e o arroz, sendo que a criação do gado é uma das industrias mais cuidadas nesse Estado como no do Piahy.

Como industria mais notavel no Rio Grande do Norte temos a citar a exploração das salinas.

O sólo do Ceará possui riquezas mineraes, produz algodão, canna, café e grande variedade de fructas; não fosse a calamidade da secca e talvez figurasse o Ceará entre os Estados mais productores.

Pernambuco é o maior productor de algodão e assucar em todo o Brasil.

Toda a região do nordeste do Brasil

é banhada pelo oceano Atlantico e possui excellentes portos de mar, que muito facilitam o commercio que entretem com o sul do nosso paiz e com as nações estrangeiras. Em virtude da proximidade em que se encontra dos Estados Unidos e da Europa, o Estado do Pará tem maiores relações commerciaes com aquelles paizes que com os outros Estados do Brasil.

MARIA NOVAES CASTELLO BRANCO.

LINGUA MATERNA

1. ANNO

O LAVRADOR (Leitura feita pela professora)

A aurora desponta. Os gallos cantam amiudadas vezes, os passarinhos, em côro, entoam alegres hymnos.

Desperta o lavrador: é dia.

Dirige-se cantando, á fonte, lava o rosto, as mãos, e volta a saborear o café fumegante e cheiroso. Depois, enxada ao hombro, parte para o trabalho fecundo que lhe dá o alimento, que lhe nutre a esposa e os filhos e que, espalhando por toda a parte o beneficio da fartura vae encher de pão os lares alheios.

De pão vive o homem— e é o lavrador rude e bom quem o produz.

O trabalho do lavrador sustenta os outros homens.

Vocabulario. A aurora desponta— nasce o dia, amiudadas— a miudo, varias vezes.

hymnos—canticos.

fonte—nascente, corrego, fumegante— quente, a desprender fumaça.

fecundo—que lhe dá a fartura

nutre—alimenta lares alheios—as casas dos outros homens.

Elocução.

Procure a professora fazer as crianças reconhecerem o que devemos aos trabalhadores do campo, fazendo-as mencionar o que tiram elles da terra, pelo trabalho: os legumes, os cereaes, os fructos, todas as plantas alimenticias; medicinaes, textis. Faça-as saber que da Terra, a grande e boa mãe commum, tiramos a madeira para as coizas e moveis,

os metaes, as pedras, o carvão, a agua. Nella e della vivem todos os animaes, inclusive o homem.

2º ANNO

Sublinhar com um só traço as palavras que representam *nomes*, e com dois traços as que indicam *qualidades*.

Paulo é estudioso. Li um livro bonito. A mangueira frondosa não dá bons fructos.

O menino vadio tem nota má. O cravo vermelho é cheiroso. O soldado valente vae para a guerra. A casa é boa tem um bello jardim, um grande quintal um magnifico banheiro, salas espaçosas e quartos arejados. Tenho tinta vermelha e lapis azul. Luiza ganhou um vestido novo, uma linda boneca e dois livros grandes. O homem trabalhador comprou uma casa rica.

Como preparo para este exercicio, é preciso recordar, como repetição, que todas as cousas que existem tem um nome, isto é, todos os homens, todos os animaes, todos os logares, todas as plantas, tudo quanto vemos, ou tocamos com as mãos, ou comemos, ou cheiramos, ou sentimos, ou escutamos, tudo tem nome. Para darmos exemplos de nomes basta olharmos em derredor, designando as cousas que nos cercam ou nos vêm á imaginação: escola sala, carteira, mesa, tinteiro; parede, janella, giz, relógio, livro, lição, aula, applicação, comportamento, professora, alumno e muitos outros.

As cousas e os homens, os animaes os logares, todos os objectos tem as suas *qualidades*, que podem ser boas ou más. Assim, quando dizemos o nome *menino* mostramos um menino somente, sem falarmos nas suas *qualidades*. Mas quando dizemos *menino estudioso*, damos ao menino uma boa *qualidade*. Si quizessemos dar uma *qualidade* má, diríamos—*menino vadio*. Podemos dizer menino *alegre, travesso, valente, preguiçoso, esperto, crescido* palavras estas que mostram *qualidades* de menino.

Os alumnos darão exemplos multi- plos e diversos de palavras que exprimam

qualidades, sendo a isso levados pela mestra, que lhes dará os nomes a que aquellas se prendam.

As *qualidades* vem sempre juntas aos *nomes*, e cada nome pôde ter muitas qualidades.

3º ANNO

Leia a professora a narração— O lavrador dada para leitura ao 1º anno, e, em palestra com os alumnos, reforce a affirmação de que tudo devemos á *terra* multiplicadora do que lhe confiam as mãos humanas, thesouro inexgotavel de riquezas incalculaveis. Aponte-lhes os beneficios da terra: as varias plantas, os metaes, o carvão, as pedras, o barro, a areia, a agua, a louça, o vidro, o kerozene, a vida emfim. Peça-lhes, afinal, uma pequena composição tendo por thema «Os beneficios da terra».

4º ANNO

Redacção

Contae a ultima visita do inspector. Summario.— Dizei que em classe tudo ia como habitualmente e que terminaveis o exercicio escripto de Português, quando chegou o inspector. Este, depois de permanecer algum tempo no gabinete da directora, percorreu as diversas classes e deteve-se na vossa, para ouvir a lição de Historia do Brasil que iniciara a professora.

Falae na lição e no interesse que tomou o inspector pela exposição da professora e pelas interrogações que fez aos alumnos, cujas respostas muito o satisfizeram.

Examinou em seguida os cadernos felicitando ou censurando a uns e aconselhando a outros.

5º ANNO

Carta

Escrevei á vossa professora, intervindo em favor de uma alumna que foi merecidamente castigada.

Falai na falta que commetteu a menina, em seu desgosto e em sua conducta ordinaria.

Indicações

Luiza, apesar de ser a melhor alumna da classe, obedecendo a um momento de máo humor, não quer fazer os exercicios e aconselha as collegas a que a imitem.

Com muita justiça, castiga-a a mestra: terá que fazer, durante dois dias, depois das horas de aula, os exercicios.

Arrependida de sua má acção, sinceramente lastima a menina o desgosto que deu á sua querida professora, sempre tão boa e carinhosa.

Por que procedeu mal Luiza que é ordinariamente docil e applicada?

Ignora-o ella propria.

Uma circumstancia vem aggravar a situação da menina: o segundo dia em que deverá cumprir a pena que lhe foi imposta, é o de seu anniversario.

Está Luiza inconsolavel porque não passará o dia agradavel que esperava e sente-se envergonhada, pois as amiguinhas irão saber que procedeu mal na escola.

E' tão grande seu desgosto que uma collega de banco, resolve escrever respeitosa-mente á professora, que sabe, muito estima Luiza, pedindo lhe que releve a punição da menina, no dia de seu anniversario...

Arithmetica

1º anno elementar

O periodo de iniciação, que já dissemos ser mais ou menos de tres mezes, será seguido de igual periodo de recapitulação e de applicação dos conhecimentos adquiridos, empenhando-se o professor em formular as pequenas questões a resolver pelos alumnos, sempre de modo variado, já para habitua-los a entender e a empregar modos diversos de traduzir as mesmas idéas. já para que, mentalmente, tenham sempre presentes os varios aspectos de cada uma d'essas questões.

Exemplifiquemos:—Escrever cinco de 4º ordem e dous de 3º; escrever cinco mil e trezentos: comprando laranjas, separei cinco grupos de mil laranjas cada

um para revender, e remetti para casa tres saccos contendo cada um cem laranjas: quantas laranjas tinha eu comprado?

Exigir resposta verbal e escripta:—Escrever no quadro negro um numero qualquer, dentro dos limites conhecidos da classe e mandar reparar os objectos correspondentes. agrupando-os logo de conformidade com as ordens.

—Um menino guloso, tirou de um cestinho cheio de ameixas, sem licença da mamãe, duas d'essas fructas, certo de que, pequeninas como eram, seria impossivel notar a falta, achando-as muito doces, encorajou-se. estimulado pela gula, e tirou logo de uma assentada mais seis: e por fim mais oito.

Só então reparou que a baixa já era sensivel e a sua falta difficil de occultar. Imaginar o desenlace.

Perguntar quantas ameixas comeu a criança. Teria chegado a comer duas dezenas de fructas? Como saber d'isso? Mandar effectuar, a operação por escripto. Exigir o resultado e a resposta quanto ao numero completo de dezenas de ameixas comidas.

Analogamente se procederá em relação ás outras duas operações, já conhecidas da classe, ensejando-se manifestações por parte dos alumnos, de maneira a se lhes apreciar, de par com o trabalho mental, a linguagem que se deve ir aprimorando e o sentimento que nunca será exaggerado cultivar.

Dissemos acima que este periodo devia ser igual ao primeiro; comprehendese, porém, que é impossivel determinar de modo absoluto a época em que deva o professor proseguir no estudo das ordens superiores á 4ª, tendo assim elementos para ampliar o campo dos exercicios correspondentes: só a observação criteriosa da classe, por parte do mestre, e a presteza e segurança das respostas indicarão a necessidade de ir adiante, antes que os alumnos se mostrem entediado de repetir o que já sabem perfeitamente, e deixem por isso de prestar attenção á aula de arithmetica.

Não nos cansaremos de repetir que, sendo a lição dada de modo habil, interessante e não muito prolongada, não ha criança que deixe de ouvi-la com attenção, salvo se essa criança é anormal; de modo que — todas as classes de peque-

ninos devem dar resultados vantajosos, podendo-se, no caso de insuccesso, culpar sempre o professor.

Já se não pôde dizer o mesmo em relação as classes dos maiores, cuja vida, embora curta, é já sufficientemente longa para acarretar-lhes preocupações e interesses estranhos á lição, que por vezes os afastam mentalmente da aula.

A experiencia, pois, e muito reiterada. é que nos leva a marcar mais ou menos tres mezes para este segundo periodo, restando assim outros tres mezes do anno lectivo das nossas escolas primarias para adiantar alguma cousa aos conhecimentos obtidos e firmados no primeiro semestre.

(Continua)

O. C.

PHYSICA

Centro de gravidade—Equilibrio dos corpos solidos

Já sabemos que para obstar a queda de um corpo qualquer, basta sustentá-lo, apará-lo, isto é, basta neutralizar a acção da gravidade.

Entretanto, será mister, para que um corpo entre em repouso, que todos os seus pontos fiquem apoiados?

Vejamos. Tomo esta regua e a colloco, horizontalmente, sobre um dos meus dedos. Como vemos, apesar de estar em contacto com o dedo apenas num ponto (meio da regua), ella não se move, não cahe, fica em equilibrio.

Colloquemol-a, agora, ainda na mesma posição, sobre uma das arestas lateraes dessa columna, desse prisma triangular. Que verificamos?—O mesmo que ainda ha pouco: não obstante haver apenas um ponto de contacto (o meio da regua com a columna), a regua fica perfeitamente equilibrada.

Façamos a mesma experiencia com um outro corpo qualquer, com esse circulo de papelão, por exemplo. Procure-

mos equilibrá-lo na extremidade desse grampo de chapéo. Vemos que basta espetar o disco bem no centro, para que o equilibrio se estabeleça.

Passemos a fazer a experiencia com este rectangulo. Conforme verificamos, devemos espetar o ponto de encontro das diagonaes, para que elle fique equilibrado.

Equilibremos, agora, na extremidade do grampo, esse pentagono regular. Como acabamos de observar, o equilibrio só se estabelece, quando espetamos o grampo no centro da figura.

Si repetissemos a experiencia com qualquer outra superficie, de substancia homogenea e fórma geometrica regular, haveríamos de notar sempre o mesmo facto: para que a superficie fique equilibrada, basta espetá-la num ponto—no centro.

Concluimos, pois, que para equilibrarmos superficies de fórmulas geometricas, devemos sustentar o centro da figura.

Pois bem, esse ponto que deve ser sustentado, para que o corpo permaneça immovel, em equilibrio, é chamado centro de gravidade.

Podemos, pois, dizer que todas as superficies, de fórmulas geometricas regulares, têm o centro de gravidade no meio da figura.

O mesmo pode ser observado nos volumes de fórma geometrica; elles têm o centro de gravidade, quasi sempre, no meio da massa do corpo.

Assim, o centro de gravidade de um parallelepipedo está no ponto de encontro das duas diagonaes, o de um cylindro está no meio do eixo, isto é, no meio da recta que une os centros das duas bases, o de uma esphera está no centro da mesma. O de uma pyramide e o de um cone estão no ponto situado sobre a altura ou sobre o eixo a $1/3$ a partir da base.

E, quando o corpo não tem fórma geometrica, como havemos de conhecer a posição do centro de gravidade?—De

um modo muito simples: suspendendo-o successivamente por dous dos seus pontos: o centro de gravidade será o ponto situado no cruzamento das verticaes correspondentes.

Façamos a experiencia com essa cadeirinha. Suspendemol-a, numa posição, á extremidade de um cordel; ella não cahe, o seu peso foi annullado, pois se estabeleceu o equilibrio, e é evidente que o seu centro de gravidade está no prolongamento do fio. Suspendemol-a, agora, noutra posição. O mesmo se dá, o centro de gravidade fica no prolongamento do cordel. Assim sendo, o centro de gravidade da cadeira não pôde deixar de estar no ponto de encontro dos dous prolongamentos do cordel, na primeira e segunda posições.

Pelo que acabamos de observar, concluimos que nem sempre o centro de gravidade faz parte do proprio corpo. Mas não é sómente nesse caso que o centro de gravidade fica situado fóra. Não; em varios outros corpos, taes como num annel, em certas posições do nosso organismo, havemos de notar o mesmo facto.

Admiram-se por eu dizer que em nosso corpo o centro de gravidade nem sempre conserva a mesma posição?

Não sabem que o centro de gravidade pôde deslocar-se?

Nos seres inanimados que se apresentam invariavelmente sob a mesma fórma e volume, e cuja substancia de que são constituídos, é homogenea, o centro de gravidade occupa sempre a mesma posição. O mesmo já não succede com os corpos que não têm uma forma determinada, ou que a possuindo, podem alterar a disposição das suas diferentes partes.

Eis a razão porque nos liquidos (corpos que se caracterizam pela constancia de volume e variabilidade de fórma) e nos gazes (corpos que apresentam variabilidade de fórma e volume) o centro de gravidade não é fixo.

No homem e nos outros animaes, o centro de gravidade muda constantemente de posição, porque, não obstante apresentar o corpo animal sempre a mesma forma, a disposição dos diversos membros pôde alterar-se, dando logar á deslocação do centro de gravidade.

Equilibrio dos solidos—Vimos que

um corpo fica em equilibrio, quando sustentamos o seu centro de gravidade. E, pela simples observação, podemos affirmar que esse equilibrio é feito sempre de duas maneiras: «suspendendo-se o corpo ou apoiando-se sobre outro».

Vejamos o que se passa num e noutro caso.

I Equilibrio dos corpos suspensos—Tomemos essa esphera e suspendamol-a por um fio. Como vemos, ella não se move, fica em equilibrio. Por que?—Porque, evidentemente, e seu centro de gravidade está sendo sustentado.

Mas, qual a posição occupada por esse centro de gravidade, em relação ao ponto de suspensão? Na experiencia feita acabamos de verificar que elle se acha verticalmente abaixo do ponto de suspensão do fio.

Então, qual a conclusão que dahi podemos tirar?—Para que um corpo suspenso fique em equilibrio, basta que o seu centro de gravidade fique verticalmente abaixo do ponto de suspensão.

Desviemos a esphera da sua posição de equilibrio e vejamos o que succede. Depois de uma serie de movimentos de vae-vem, notamos que o fio volta novamente á posição vertical.

Mas porque é elle reconduzido a essa posição?—Ora, a esphera, como todo corpo pezado, tende a dirigir-se para o centro da terra e, conforme vimos em lição anterior, essa direcção é sempre uma linha vertical.

Si atarmos uma regua ou qualquer outro corpo á extremidade do fio, haveremos de observar o mesmo facto que observámos com a esphera.

Está, portanto, bem provado que todo o corpo suspenso fica em equilibrio quando o centro de gravidade se acha situado abaixo do ponto de suspensão.

II Equilibrio dos corpos apoiados—Comece o professor, mostrando varios corpos apoiados num plano horizontal, por fazer ver aos discipulos que estes, ou estão em contacto com o plano num só ponto, ou em mais de um.

Diga-lhes que o polygono convexo formado pela reunião dos pontos de apoio é chamado «base de sustentação» ou «base de apoio».

Mostre que, para haver equilibrio, sendo um só o ponto de contacto, é necessario que a vertical baixada do cen-

tro de gravidade encontre o plano horizontal no ponto de apoio. Mostre, ainda, que si o corpo apresentar varios pontos de apoio, para que fique em equilibrio, deve a vertical baixada do centro de gravidade cahir dentro da base de sustentação; se cahir fóra, não haverá equilibrio,

Empenhe-se o professor em variar as experiencias, o mais possivel, de accordo com a capacidade e aproveitamento dos alumnos.

Dirá, por exemplo: = Colloquemos esse livro em pé, num dos cantos da mesa, mas de maneira que sobre ella repouse apenas uma parte; vemos que, não obstante, o livro fica firme, isto é, fica equilibrado. E' que a vertical baixada do centro de gravidade cahe no interior da base de sustentação.

Mas afastemol-o um pouco, de modo a tornar menor a base de apoio; verificamos logo que o equilibrio se rompe e o livro cahe. Por que? Porque, nesse caso, a vertical do centro de gravidade não mais cahe dentro da base de apoio, mais sim, fóra.

Tomemos, agora, esses dous cylindros obliquos e ponhamol-os em pé sobre a mesa. Notamos que o maior não conserva a posição que lhe damos, tomba; o outro, entretanto, fica firme no lugar onde o puzemos. Isto assim succede porque no primeiro caso a vertical baixada do centro de gravidade cahe fóra da base de sustentação ao passo que no segundo cahe dentro.

Estamos vendo, pois, para que um corpo fique em equilibrio, é indispensavel que a vertical baixada do centro de gravidade caia dentro da base de sustentação.

E' graças a essa lei, que podemos explicar a razão por que certos corpos, taes como torres (a de Piza, a de Bolonha) muros, carros, etc., apesar de estarem inclinados, ficam perfeitamente equilibrados, não cahem.

Conservemos esse livro na posição que lhe demos ainda ha pouco (vertical): vemos que basta o menor movimento para derribal-o; a sua estabilidade é pequena. Colloquêmol-o ainda na mesma posição, porém aberto. Notamos que não é derribado com a mesma facilidade, pois tendo maior base de apoio, apresenta tambem maior estabilidade.

Collocando-o, finalmente, em posição horizontal, vemos que a sua estabilidade é completa, porque, além de apresentar uma larga base de sustentação, o seu centro de gravidade está mais baixo do que em qualquer das outras posições.

Faça notar pelos alumnos como um frasco apoiado sobre o gargalo apresenta uma estabilidade menor do que apoiado sobre a base; uma vela em pé, em cima de uma mesa, apresenta um equilibrio menos estavel do que estando num castiçal.

Depois de varias experiencias, fará com que as crianças, por si, cheguem á conclusão de que o equilibrio será tanto mais estavel quanto maior for a base de sustentação e mais baixo o centro de gravidade.

Leve, ainda, os alumnos a repararem como essas considerações sobre a posição do centro de gravidade encontram immediata applicação no equilibrio do corpo humano, na architectura, na construcção e no carregamento dos vehiculos, etc.

NOTA—Releva a induzir os alumnos a descobrirem, por si, aquillo que se deseja ensinar. Exigir uma simples repetição das explicações dadas, é trabalho improficuo.

Para o bom exito, cumpre não exigir resposta immediata. Ao contrario, á pergunta deve seguir-se uma pequena pausa afim de que toda a classe se esforce por dar a resposta. E' esse um excellente meio de manter todos os espiritos em actividade.

E. B.

HEITOR RIBEIRO & C.

Papelaria Artigos para Escripório e Desenho Papel e Livros em branco
Typographia Lithographia Pautação e Encadernação

RUA A QUITANDA, 88, 90, 92 Officinas: Rua do Rosario, 87

Teleph. Norte 1664 — Caixa do Correio, 357

End. Telegraphico RICEDO

RIO DE JANEIRO

Os professores gozarão de abatimento

DESENHO

A alta importancia educativa do ensino do desenho na escola primaria e até nos jardins de infancia, nos induziu a incluir entre as lições e exercicios o plano systematico de um curso de desenho, esboçado em lições, abrangendo desde as noções preliminares a serem ministradas no primeiro anno elementar.

Tal plano embora divergindo aparentemente do programma official vigente, constitue, todavia, um fundamento necessario ao desenvolvimento das lições prescriptas no programma official, como pôde ser verificado pelo texto da primeira lição, que, em seguida, publicamos, de autoria de uma distincta professora.

1ª LIÇÃO

Faixas deitadas

E' meu desejo, queridos alumnos, ensinar-lhes uma quantidade de coisas interessantes com as quaes vocês se distrahirão, applicando-as nas horas de folga, como passatempo ou diversão. Para isso vão prestar muita atenção a tudo quanto eu disser e fizer.

Estão vendo estes pedaços de giz?

Não acham lindas as suas côres?

Cada um de vocês vai dizer a côr que mais aprecia; não quero, porém, que me respondam todos a um tempo, porque, então, nada entenderei. Cada um por sua vez dirá a côr preferida e retirará o giz da caixa que entre vocês passará.

Bem, agora que estão preparados, diante cada qual da sua prancheta, tomem o giz e o partam ao meio, isto é, dividam-no em duas partes iguaes.

(O professor executará o que determinou e aguardará que os alumnos o façam).

Tomem agora uma parte e com ella neste sentido (vertical) façam na tela o que eu no quadro negro fizer.

(O professor traçará no quadro negro uma horizontal).

Ficou então representado um traço bem grosso e, para que elle ficasse bem nitido, bem visivel e bem firme, tive necessidade de calcar o giz com igual

força desde o começo até o fim, sem o que o traço sahiria desigual, sem firmeza ou tremido.

(O professor fará os alumnos representarem a horizontal, sem contudo denominar-a; chamar-lhes-á a atenção, que com ella uma regua coincide perfeitamente).

Muito bem, temos aqui uma faixa deitada. Vocês conhecem alguma cousa que normalmente affecte a posição da recta que traçaram?

(O professor guiará os alumnos nessa investigação, chamando-lhes a atenção para o nivel das aguas paradas, para a superficie das mesas e de outros moveis, para o nivel dos assoalhos, etc., etc.)

Que vêm vocês nesta sala que esteja nessa posição?

Note bem, Paulo; que posição affectam estas duas linhas que limitam a prancheta onde você trabalha?

(O professor indicará as linhas fronteiras ao alumno).

São deitadas, muito bem, mas você não notou uma cousa... repare bem e responda-me: o bordo inferior, isto é, aquelle onde você encosta o peito julgando que, desse modo, aperfeiçoará o trabalho, não segue a mesma direcção do que lhe fica fronteiro?

E a distancia que separa esses bordos não é a mesma em todos os pontos?

(O professor, dirigindo-se á collectividade dos alumnos, insistirá nessa posição que as linhas entre si podem affectar, salientando o parallelismo de certas ruas, dos passeios, das frestas dos assoalhos, etc., etc., variando os exemplos).

Já que tão bem comprehenderam que os bordos da prancheta em que trabalham seguem a mesma direcção, vão representar um pouco abaixo da 1ª faixa outra perfeitamente igual, sendo conservado o mesmo intervallo em todos os pontos.

(O professor traçará a segunda horizontal parallela á 1ª, guiando os alumnos a fazel-o com firmeza e igualdade de traço).

Muito bem, representem agora uma terceira faixa, attendendo ao intervallo drecedente e assim façam muitas.

(Durante esse tempo o professor fiscalizará o trabalho dos discípulos, evitando posições viciosas).

Estou gostando do desembaraço de meus alumnos, mas aposto como ainda não fizeram um reparo nessas faixas que seguem a mesma direcção e que tão depressa traçaram.

Ora, vejamos, estas rectas encontram-se?

Muito bem, ellas não se encontram porque seguem sempre a mesma direcção, guardam entre si e em todos os pontos o mesmo intervallo, e, de certo, já repararam que os trilhos dos bondes e das estradas de ferro estão neste caso.

(Fazer os alumnas apagarem o trabalho executado e repetirem-no, para que possam adquirir agilidade e firmeza no traçado, representando, porém, uma horizontal forte e outra fraca, alternadamente.

Recapitular o que já foi explicado e tomar exemplos de facil comprehensão e ao alcance das crianças).

Zulmira

Jardim de infancia

Dons de Frœbel

Como é sabido, o systema pedagogico de Frederico Frœbel, cuja applicação pratica deu logar á creação dos Jardins de Infancia, se resume na reivindicação das leis da natureza em materia educativa; tal systema coordena, de facto, os processos praticos mais adequados para regular e methodizar o movimento, a curiosidade, a intelligencia e o sentimento da infancia, de modo a estabelecer "o perfeito equilibrio de um gradual e progressivo desenvolvimento das faculdades phisicas, intellectuaes e moraes do homem, tal como a sciencia moderna o demonstra e a natureza o reclama".

Foi por isso, que Frœbel enxergava a classe infantil como um jardim onde a professora é a jardineira e os pequeninos educandos são as flôres a cultivar.

Para guiar a tarefa educativa da jardineira imaginou Frœbel os dons, que têm o seu nome, e dos quaes o primeiro consiste em seis bolinhas de borracha, co-

bertas de lã e de munidas um cordão-sinho, sendo a lã de cada bolinha de cada uma das seguintes côres: vermelha, amarella, azul, alaranjada, verde e rôxa.

As seis bolinhas são guardadas em uma caixinha de madeira, onde são tambem guardados tres pausinhos, utilisaveis em alguns brinquedos com as bolinhas.

O primeiro dom de Frœbel deve ser assumpto para varias lições, cada uma das quaes, bem como quaesquer outras do Jardim de Infancia, nunca deverão exceder vinte minutos.

As primeiras lições deverão consistir, simplesmente, no adestramento das creanças na operação de distribuição e recolhimento das caixinhas destinadas a cada uma dellas.

Essas lições preparatorias têm por objectivo educar a coordenação dos movimentos das creanças, e habitua-las á cooperação em trabalhos collectivos para disciplina-las de modo a permittir que tomem parte nas lições subseqüentes em conjunto e em ordem.

A distribuição das caixinhas deve ser feita do seguinte modo:

Em uma das extremidades de cada mesinha, e de um e outro lado da mesma, serão collocadas empilhadas, tantas caixinhas quantas creanças estiverem sentadas de cada lado da mesinha.

Dado o signal para começar a distribuição, cada uma das duas creanças, sentadas junto a cada uma das duas pilhas de caixinhas existentes em cada mesinha, tirará uma caixinha e passará ao seu visinho que fará outro tanto e assim successivamente, até que a ultima creança tenha recebido a sua caixinha.

Na passagem das caixas a professora terá o cuidado de impedir que as creanças descansem, sobre a mesa, as caixinhas que devam passar aos seus visinhos, ou que recebam uma caixa antes de haverem passado a anteriormente recebida.

A professora procurará, tambem, habituar as creanças a fazerem a passagem das caixas de um modo uniforme, sem alternativas de lentidão excessiva ou de pressa.

Meio adequado para assegurar a boa execução do exercicio de passagem das caixinhas é fazel-o acompanhado de can-

to e, si possível, o que ainda será melhor, acompanhando de canto e piano.

O recolhimento das caixas distribuidas será executado de modo inverso á distribuição, sendo o empilhamento das caixas feito pelas creanças que se incumbiram da desarrumação das pilhas para a distribuição.

Terminadas as lições preliminares a primeira aula sobre o primeiro dom, deverá ter por objecto a — caixinha — ou mais propriamente a substancia [de que é feita a caixa.

Podrá a professora encaminhar a lição do seguinte modo:

—O que é que cada um de vocês ganhou?

A resposta será, certamente:

—Uma caixinha.

Retrucará, então, a professora:

—Quem sabe dizer de que são feitas estas caixinhas?

É possível que as respostas sejam numerosas e é provavel que algumas creanças respondam serem as caixinhas de páo, e outras, de madeira.

Deverá, então, a professora salientar que tanto umas como outras tem razão e preparar a classe para que formule a resposta formando uma sentença:

—As caixinhas são feitas de madeira.

Obtido esse resultado, deverá a professora despertar o espirito de observação das creanças, suggerindo-lhes as apreciações comparativas simples para a resposta da seguinte pergunta:

—Quem saberá mostrar outros objectos nesta sala tambem de madeira?

Como esta pergunta pode provocar muitas respostas diferentes, a professora, afim de evitar a balburdia, que assim, se estabelecerá, poderá, formulal-a nos termos geraes em que se acha, mas seguida immediatamente da determinação de resposta a uma dada creança:— Responda E. Si a creança responder por exemplo:

—A mesa.

a professora confirmará a resposta e preparará a classe para formular a resposta em fórma de sentença:

—A mesa tambem é feita de madeira.

Deverá, em seguida, a professora provocar outros apreciações comparativas das creanças interrogando:

—Alem da mesa, não ha nesta sala

outros objectos tambem feitos de madeira?

—Responda M.

Obtida a resposta, por exemplo:

—As cadeiras, o armario...

A professora próvocará novas respostas, de outras creanças:

—O piano...

—O banco...

e concluirá preparando a classe para formulação de uma resposta em sentença onde se reünam as diferentes respostas isoladas:

—As cadeiras, o armario, o piano e o banco são tambem feitos de madeira.

Poderá em seguida perguntar a professora donde vem a madeira, de que são feitos os objectos citados, como se chamam os operarios que a extraem das florestas e os que as manipulam no fabrico dos mesmos objectos.

A professora deverá encaminhar a palestra com os seus pequeninos educandos tendo o cuidado de provocar-lhes as respostas por perguntas adequadas, para que elles tenham a impressão de haverem aprendido por si mesmos; nenhum ensinamento deve ser dado por affirmação da professora, senão depois de verificado que nenhuma das creanças está em condições de responder-lhe satisfatoriamente sobre o assumpto.

Outro cuidado da professora deve consistir na correção da fórma das respostas, afim de ir evitando, pouco a pouco, o habito das respostas por simples palavras e habituar as creanças ás respostas por sentenças, escoimadas dos vicios prosodicos mais communs e dos erros de concordancia.

A caixinha do primeiro dom de Frœbel pode servir de thema para mais algumas lições, quer a proposito da substancia de que ella é feita, quer a respeito dos operarios que trabalharam para o seu fabrico: lenhadores, falquejadores, marceneiros.

Abertas as caixinhas do primeiro dom deverá a professora prosseguir a sua tarefa de instrucção, ao mesmo tempo que de educação da visão, pelo ensino das côres.

Esse assumpto, a ser explorado em varias lições, constituirá, porém, objecto de outra exposição.

Nadyr de M. A. do Amaral.

MOBILIARIO completo para uma casa, com 36 peças: **Rs. 2:300\$000**
A INDEPENDENCIA —o— Rua do Theatro n. 1 Tel. 476 C

Parc-Royal

Especialidade
em
Uniformes e Enxovaes
para
Todos os collegiaes
 A maior e a melhor casa do Brasil

CASA DO BASTOS

R. URUGUAYANA 19-22

Novas criações
em bufalo branco, verniz,
e pellicas de cores, setim,
rosa, e branco.



TEL. 2616 central-Rio-
Sejam Catalogos



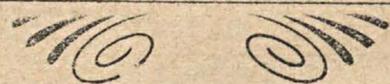
UNIFORMES
e ENXOVAES

Para todos os Collegios

Preços e Qualidade especiaes

PARA BEM VESTIR

CASA COLOMBO



MOAGEM S. RAYMUNDO *

Deposito de cereaes e sal -- Especialidade em
 Fubás de Milho e Arroz, Cangica, Araruta e Polvilho
 Movida por tracção electrica

CARVALHO LEME & C.

Telephone 779-Norte

84, RUA ARE, 86

RIO DE JANEIRO

INDICAÇÕES UTEIS

MEDICOS

Dr. Octavio Ayres. Cons. S. José, 61 — 1º andar. Tel. 4625 C. Residencia: Bambina, 14 — Tel. 2482, Sul.

Dr. Barboza Vianna — Consutorio: Av. Mem de Sá, 80 — Tel. 1447 Central. De 3 as 5 — Residencia Praia de Botafogo, 116 Beira-mar 1620.

ADVOGADOS

Drs. André Faria Pereira, Raul de Faria e Octavio Tarquinio, — Ouvidor, 90, 1º andar, Tel. 3.258 N.

Alfredo Cesario Faria Alvim — Rua 7 de Setembro n. 174.

Dr. Virgilino da Silva Paiva — Becco das

Concellas, 11 — Das 11 às 12 e das 3 às 5 — Tel. 6.599, Norte.

DENTISTAS

Dr. Paulo Silva Pereira — Consultas: Ouvidor, 187, 1º andar — 3as., 5as. e sabbados — Tel. 7.056, Norte.

Atelier de Costura de Zulmira Cruz — Rua 7 de Setembro, 174.

Officinas — de bordados, picot, ponto à jour e botões — Avenida Passos, 21 1.º andar — Teleph. 1021 Norte.

OCULOS e PINCE-NEZ
 para qualquer defeito da vista
Apparehos Photographicos e Accessorios.
LUTZ, FERRANDO & CIA LTDA
 RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO

Pallidez da Face

A anemia, a chlorose, a neurasthenia, o excesso de trabalho, etc., causam às senhoras a pallidez da face, tornando-as apprehensivas e tristonhas.

As **Pilulas Fortificantec** do Pharmaceutico Carlos Cruz fazem desaparecer esse flagello.

São vendidas em as pharmacias e drogarias

Agentes geraes: **CARLOS CRUZ & C.**

Rua S. Bento, 3. — Rio de Janeiro

CASA GUIOMAR Calçado dado 120, AVENIDA PASSOS, 120

ULTIMA NOVIDADE



Fortissimos borzequins em vaqueta escura, sola dupla, proprios para collegiaes.

Preços de reclame

De 18 a 26 8\$000
 De 27 a 32 9\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par



Sapatos ALTIVA, em kangurú, preto e amarello, criação exclusiva da CASA GUIOMAR, recommendados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto.

De 17 a 25 5\$000
 De 27 a 32 6\$300
 De 33 a 40 8\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par

Já se acham promptos os novos catalogos illustrados, os quaes se remettom inteiramente gratis a quem os solicitar, rogando-se toda a clareza nos endereços para evitar extravios.

Os pedidos podem vir juntos com a importancia na mesma carta registrada com valor ou em vales do correio, dirigidos á firma Julio de Souza, successor de Graefi & Souza — AVENIDA PASSOS, 120 — RIO.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Líbero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

EXTRATO DO CATALOGO

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$500
2º Livro de Leitura.....	\$800
3º Livro de Leitura.....	\$800
4º Livro de Leitura.....	\$800

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2º Livro de Leitura.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analítica.....	1\$500
1º Livro de Leitura.....	2\$500
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura.....	1\$500
Cartilha.....	1\$800
Leitura Preparatoria.....	2\$500
1º Livro de Leitura.....	3\$000
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	4\$000
Leituras Praticas.....	1\$500
Fabulas (em verso).....	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2º anno.....	2\$500
Leitura para o 3º anno.....	2\$500
Leitura para o 4º anno.....	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$000
1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura.....	\$600
Novo 1º Livro de Leitura.....	1\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

SABINO e COSTA e CUNHA

Expositor da Lingua Materna.....	1\$000
Segudo Livro.....	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler.....	\$500
2º Livro de Leitura.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$000
Excursões escolares.....	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro.....	1\$500
Vida Infantil 2º Livro.....	2\$000
Vida Infantil 3º Livro.....	2\$000

COLLEÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro.....	1\$000
Novos Principios de Leitura.....	1\$000
Guia da Infancia, 1ª parte.....	1\$000
Guia da Infancia, 2ª parte.....	1\$000
Guia da Infancia as 2 partes.....	1\$800
O 1º livro de André 1ª parte.....	2\$000
O 1º livro de André 2ª parte.....	2\$000
Compendio de Historia Sagrada.....	2\$000
Noções de Sciencias.....	2\$000
Anthologia (3º livro da coll.).....	2\$500
Anthologia (4º livro da coll.).....	4\$000
E. DE AMICIS—Coração.....	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente.....	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios.....	3\$500
" " Patria Brasileira...	3\$500
" " Theatro Infantil....	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes.....	1\$500
Novos Amigos.....	2\$000

CORREIA e BARRETO—Era uma vez.	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares..	2\$000

BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar.....	4\$000
---	--------

ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar.....	3\$500
--	--------

TRANCREDO AMARAL

Livro das Escolas.....	3\$000
------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional.....	5\$000
--------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Antologia Brasileira.....	5\$000
---------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	3\$000
Selecta Classica.....	4\$000

DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico..	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta.....	1\$500

A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica.....	2\$500
OLAVO BILAC — Poesias Infantis.....	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Crianças...	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras...	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis,
para todo o Brazil